

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

**CHAGAS ABERTAS, CORAÇÃO FELIZ: travessias dos
pagadores de promessas de Juazeiro do Norte.**

Patrick Walsh Netto

FORTALEZA
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

CHAGAS ABERTAS, CORAÇÃO FELIZ: travessias dos pagadores de promessas de Juazeiro do Norte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora
Prof^a. Dra. Peregrina Fátima Capelo Cavalcante

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

CHAGAS ABERTAS, CORAÇÃO FELIZ: travessias dos
pagadores de promessas de Juazeiro do Norte.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Peregrina Fátima Capelo Cavalcante (UFC)
Orientadora

Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Lincoln L. Barrocas (UFC)

FORTALEZA
2008

Aos pagadores de promessas do padrinho Cícero,
que me ensinaram entre chagas a ser feliz.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho não teria sido possível sem os inúmeros apoios, sugestões e afetos de todas as pessoas que me cercaram ao longo do percurso acadêmico. Meus sinceros agradecimentos a todos, especialmente:

Ao meu velho pai Brendan que acreditou mais do que eu mesmo neste devaneio.

A pequena Isabella e seus olhos brilhantes e ternos que me deram uma calma decisiva.

Ao meu irmão Andrews, vulgo negão, por agüentar as lamurias e angustias de seu ansioso irmão.

A minha mãe Ayla pelo incentivo e apoio.

À minha orientadora Peregrina Capelo, pela paciência com seu “orientando mais ansioso” e por me fazer ver o sertão que estava dentro de mim.

Ao deus Dionisio que me acompanhou em vários momentos dessa pesquisa.

Ao deus Apolo que brigou com Dionisio por mim em outros momentos.

Ao meu “irmão” Márcio Mazela, por sua sincera amizade e afeto.

A IsAURORA que me iluminou com sua coragem e sinceridade...o que seria de mim sem as encruzilhadas da vida.

Ao grande Cláudio REIs, que me recebeu na sua casa no Crato durante minha pesquisa de campo e por ter me apresentado o “outro Cariri”. Meu sincero obrigado.

Aos amigos Philipi Bandeira e Henrique Dídimo pela interlocução com meu campo e me ajudarem na construção de um olhar mais fotográfico sobre os pagadores de promessas.

À Larissa, minha eterna inspiradora.

À amiga Diocleide, por supervisionar com seu olhar meu *modus operandis*.

Ao Joannes Paulus, que poderia ter saído dessa empreitada primeiro, mas foi solidário comigo até o fim.

Aos colegas do mestrado, em especial Dália Maia, André Alckman, Adilson Rodrigues, Eloí, Ricardo Riffani, Luiz Fábio, grato pela amizade e os diálogos produtivos.

Ao amigo David Pantera por nunca me deixar ir sozinho ao bar.

À professora Sulamita Vieira, que aceitou o convite para participar da minha banca de qualificação e muito contribuiu para este trabalho.

Ao professor Antonio Cristian pelas ricas contribuições na minha qualificação.

Aos colegas professores das Faculdades Inta.

Ao CNPq que financiou esta pesquisa, concedendo-me bolsa de estudo.

Aos romeiros que conheci em Juazeiro e que me encheram de afectos que ainda não conhecia.

Resumo

Este trabalho de caráter etnográfico propõe analisar o fenômeno religioso de Juazeiro do Norte sob três eixos: os tipos de pagadores de promessas, os tipos de promessas e o pano de fundo desse cenário que é a dor e a alegria contida na travessia do pedir a graça, alcançar a graça e a retribuição desta graça.

Os resultados dessa pesquisa de campo são discutidos a partir do conceito de *dádiva*, tal como empregado por Mauss, mas também faz um diálogo com Max Weber objetivando a construção de tipos ideais acerca de romeiros, pagadores de promessas e seus pedidos. Por fim, esse trabalho não tem a proposta de levantar hipóteses, pois é uma pesquisa de caráter etnográfico que se propõe pensar o feixe de linhas que atravessam os pagadores de promessas.

Abstract

This ethnographic work intends to analyze the religious phenomena of Juazeiro do Norte under three propositions: the social types of the promise payers, the kinds of their promises and the background of this scenario, made of a moisture of pain and joy, the both integrant parts of the *crossings* in asking of grace, the grace achievement and the grace's retribution.

The results of this field research are put on discussion depart from the concept of *gift*, just like employed by Marcel Mauss, and also with a dialogue with Max Weber, wanting the construction of *ideal types* of pilgrims, promise payers and their various requests. In resume, this work have no intention to rise deep rooted hypothesis, because is an ethnographical research that suggest to think about the bundle of lines of intensity that crosses these social actors.

“Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra... tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então a gente não tem licença de coisa nenhuma!”

Guimarães Rosa, in:
Grande Sertão: Veredas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 1

1. As múltiplas faces de uma pesquisa: espaço, tempo e linguagens.

CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DE JUAZEIRO

- 1.1 O sonho,
- 1.2 A chegada,
- 1.3 Antes do milagre,
- 1.4 Sertão, sertãozão e seus missionários religiosos,
- 1.5 O missionário dos sertões dos desvalidos,
- 1.6 A microfísica do poder clerical,
- 1.7 O milagre (ato I),
- 1.8 A reação da Diocese (ato II),
- 1.9 A investigação do milagre (ato III)
- 1.10 A divulgação do milagre (ato IV)
- 1.11 Desobediência e castigo (Ato V)
- 1.12 Juazeiro, o verdadeiro milagre.

CAPÍTULO 2 – A ROMARIA E SEUS PERSONAGENS,

- 2.1 A romaria e seus sentidos históricos e sociais,
- 2.2 Tipos de romeiros,
- 2.3 Percurso metodológico para a promessa,
- 2.4 Dádiva
- 2.5 Alcançar a promessa
- 2.6 Tipos de pagadores de promessas

CAPÍTULO 3 – A TRAVESSIA,

- 3.1 As travessias, 76
- 3.2 O rancho dos romeiros, 84
 - 3.2.1 “O de comer”
 - 3.2.2 O lugar da cozinha, tecnologias e técnicas de cozinhar

3.2.3 O cozinheiro e a cozinheira

3.2.4 A etiqueta,

3.2.5 Favores e trocas

3.2.6 Práticas do espaço

3.3 Amizades religiosas

3.4 Travessia em família

3.5 A subida do Horto

3.6 A estátua e o museu

3.7 O Santo Sepulcro

CONSIDERAÇÕES FINAIS,

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO,

ANEXOS

CHAGAS ABERTAS, CORAÇÃO FELIZ: travessias dos pagadores de promessas de Juazeiro do Norte.

Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinha.

Guimarães Rosa, in:
Grande Sertão: Veredas.

A beleza do sertão é ligada ao grandioso. Ele é grandioso e terrível em certos momentos. O que dá a ele uma conotação muito diferente, muito estranha, mas muito forte.

Ariano Suassuna, In: O povo brasileiro (documentário).

1. INTRODUÇÃO: As múltiplas faces de uma pesquisa: espaço, tempo e linguagens.

Essa dissertação fala de travessias – entendida aqui a palavra no sentido mais plural possível. Travessia não somente física, mas também de travessia política, econômica, social, afetiva e, por que não dizer, existencial; já que existe um devir humano, demasiado humano em travessia. O pesquisador que agora escreve, honestamente, diria de si que não é mais o mesmo. Iniciou essa travessia acadêmica com uma forma bem definida de pensar e conceber a realidade, e “termina” essa fase de sua vida *outro, atravessado* que está de vida e de uma forma peculiar de se inserir no mundo.

A travessia a que me refiro é a dos pagadores de promessas do *padim* Padre Cícero. E essa pesquisa de cunho etnográfico procura fazer uma cartografia (GUATARRI, 2005) econômica, política e social do romeiro, ou seja, de onde vêm esses pagadores de promessas? Quem são? Quais seus desejos? Quem é esse humano chamado de pagador de promessas? De que forma chega a Juazeiro? Enfim, cartografar os tipos de promessas, de pagadores de promessas, investigar os espaços praticado por eles, não somente os locais de peregrinação, de entrega de ex-votos, de cumprimento de rituais, mas também os lugares que repousam o corpo, o que compram no comércio, o que comem, o espaço destinado ao lazer.

Portanto, trata-se de uma investigação dos devires pagadores de promessas coroados com os mecanismos da *dádiva, das trocas simbólicas* e desse ser humano em *travessia*.

Assim, escrevo essa introdução à maneira de um prólogo, ou seja, como no antigo teatro grego, expondo personagens e o tema da pesquisa. Nesse momento, não procuro dar as respostas para as cenas que apresento, pois isto vai ficar para o desenrolar dos capítulos. Portanto, aqui me ateno aos elementos precedentes e uso uma técnica do cinema reflexivo, que é levantar e percorrer as várias linhas da urdidura religiosa encontrada ali em Juazeiro do Norte.

Procuro, por meio dessas linhas, analisar os mecanismos da dádiva e, principalmente, entender a dor e a alegria contida nessa travessia do dar e do receber. Dessa forma, entender essa realidade perpassa pelo “repensamento” dos conceitos que formei previamente sobre o campo e, igualmente, evitar os mecanismos maniqueístas do que é bom e do que é mal aí.

Como o trabalho, antes de qualquer outra coisa, é uma etnografia acerca dos pagadores de promessas, procurei passar o maior tempo possível em contato com eles. Seguindo o esquema de Malinowski (1976), mantinha contato direto com meus interlocutores, na tentativa de sanar minhas dúvidas sobre suas práticas, costumes e crenças. Com certeza, era por meio dessa interação que poderia evitar o etnocentrismo, assim como estabelecer uma reflexão pautada no que o campo estava me dizendo; campo entendido aqui no sentido que Pierre Bourdieu o concebe, ou seja, perceber e definir as formas específicas com as quais este campo religioso funciona, suas relações de forças, suas lutas, estratégias, interesses, em suma, tudo aquilo que se insere no jogo, evitando desse modo uma tentativa de compreensão por um só viés que, no caso, qualquer que fosse, representaria um fio da teia e não a teia propriamente dita.

Também conversei com autoridades eclesiais, outros funcionários da Igreja e de equipamentos ligados ao aparato da fé em Juazeiro do Norte, e pude perceber uma forma de ver e um juízo de valor bem definido nessas pessoas; e o que me interessava era saber como o pagador de promessas se via e enxergava nos outros pagadores o ato de pagar promessas, suas devoções e toda essa travessia da fé.

O maior material trabalhado aqui é o humano, que se constitui de uma multiplicidade, diferenças, intensidades vibratórias variadas, daí porque, exatamente por isso, não se pode evitar os diferentes discursos, as variadas “verdades”. A questão, no entanto, não

é cair em uma escrita militante (CARDOSO, 1986), pois não se trata de um trabalho político (apesar de não deixar de ser), nem somente de criticar o *status quo* ou fazer uma “fotografia da realidade vivida”, já que, essa pesquisa não trata de um congelamento de imagens, pelo contrário, mostra que os quadros da realidade dos pagadores de promessas são intensamente fluídos.

Assim, segui o clássico esquema de Roberto Cardoso de Oliveira em “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever” (OLIVEIRA, 1992), ou seja, mediante tais atos cognitivos, iniciei minha reflexão acerca desse campo de pesquisa. Portanto, no primeiro momento, “domestiquei” meu *olhar* em relação aos signos que os romeiros portam em cada romaria, mas também no sentido de orientar esse mesmo *olhar* para as práticas e rituais no espaço religioso para que não percebesse com ingenuidade ou mesmo naturalidade o que se passava aí.

Ocorrido o primeiro momento de observação, em detrimento de outros métodos, passei a interagir com os romeiros mais no sentido de ouvi-los para dotar de sentido aquilo que via, pois, muitas vezes, não compreendia alguns atos, por estes não fazerem parte do meu *mundo*. Por isso, nada melhor do que os próprios pagadores para explicar o processo do *dar*, do *receber* e do *retribuir* de uma promessa. Como diz Cardoso, o *olhar* não se dissocia do *ouvir*, já que se constitui como apoio de uma a outra nessa estrada do conhecimento.

Desse modo, foi entrevistando pagadores de promessas que entrei nesse mundo, embora essas entrevistas não fossem formais, mas sim conversas abertas em torno do que via. Procurei não influenciar as respostas mesmo sabendo que o fato de ser um pesquisador e, portanto, muitas vezes reconhecido como “autoridade”, já tirava de certa forma um pouco da espontaneidade do entrevistado. Na maioria das vezes, porém, esses pagadores de promessas conversavam abertamente comigo como se fosse uma “confissão”, sentiam-se importantes por haver alguém para ouvir sua odisséia, seu sofrimento e sua alegria de estar ali na “terra da Mãe de Deus”.

E agora estou aqui a *escrever*, nessa árdua tarefa de tornar científico, de trazer para o jogo do campo acadêmico sentimentos e coisas tão complicadas de traduzir para o mundo da razão. Não é esse, no entanto, o desafio que se impõe ao cientista social? Que seja traduzir práticas e jogos de uma cultura que no caso seria esse jogo entre a graça e o agradecimento de um pagador de promessas sem que se caia em uma “vontade de verdade” construída pela racionalidade ocidental.

Por outro lado, não se pode cair no jogo intimista e cúmplice do discurso nativo, ou melhor, é necessário relativizar as práticas para não cair no etnocentrismo, mas deve-se evitar ver a totalidade do “outro”, porque este, em um determinado momento, causou estranhamento no pesquisador por meio de suas práticas. Foi nesse exercício, todavia, entre “mundos diferentes”, que se criou uma cumplicidade, um entendimento e, por que não dizer, uma afetividade que permitiu uma revisão de mundo, por um lado, e uma compreensão da diferença, de outra parte.

Do mesmo modo, posso dizer que a coleta de dados e o acúmulo de informações foram necessários para clarear e tornar mais simples o que pretendia analisar ali. Novas hipóteses foram surgindo com o decorrer do trabalho de campo, de modo que um recorte foi se fazendo cada vez mais necessário para não me perder neste ciclópico mundo religioso constituído em Juazeiro do Norte. A cada ida a essa Meca nordestina, novas descobertas se faziam presentes, perpassando todas as esferas do social e trazendo ao pesquisador uma reflexão em torno da “verdade” e da alteridade.

“A vida é feita de encontros”, já dizia um filósofo da diferença (DELEUZE, 1995) e esse encontro entre mundos simbólicos diferentes trouxe em mim não uma necessidade de comprovar “verdades”, mas sim entender a realidade da “nação romeira”. E, para mim, essa realidade não passa por criar dicotomias, muito menos situar essas pessoas em um esquema fechado e definido, posto que o trabalho de campo me fez desconfiar disso, ou melhor, me fez repensar as certezas que tinha antes da observação participante. E que certezas eram essas? Não saberia defini-las por inteiro, mas, seguramente, passava por uma idéia homogênea dos pagadores de promessa; e, como foi doce descobrir que essa idéia estava completamente errada!

À medida que ouvia meus interlocutores, a tessitura interna ficava mais clara e mais difusa também, pois se, por um lado, alguns indícios tomavam forma, outros se constituíam em grãos de areia diante de imensa duna móvel. Aqui se fazia necessário uma tentativa de *descrição densa* (GEERTZ, 1989) do que coletava na pesquisa, no sentido de dar uma significação e uma diferenciação para tiques nervosos e piscadelas a atos de uma cultura religiosa pautada por caminhos muito próprios.

Dessa forma, falarei de pagadores de promessas de diferentes classes sociais, de múltiplas cores, das mais diversas partes do País, pois estou falando dos “Cíceros”¹ e de

¹ É dessa forma que irei me referir aos **pagadores** de promessas do padim padre Cícero. Chamarei dessa maneira para distingui-los, por exemplo, do romeiro que vai a Canindé e que é devoto de São Francisco, mesmo sabendo que na prática quem faz essa diferenciação é o pesquisador porque na prática o que existe é

formas muito singulares de viver. Não tendo nem princípio nem fim, falo do meio, de um constante *devir*, já que os significados aqui nascem do interstício, das brechas, das moléculas, dos poros, dos fragmentos, das junções que o compõe.

Aqui não há lógica rígida e consensual, visto que a diferença se impõe aos olhos do pesquisador o tempo inteiro. Uma lógica permeada por dobras típicas de uma sociedade barroca. Como diz Deleuze (1991: 14): “diz-se que um labirinto é múltiplo, etimologicamente, porque tem muitas dobras. O múltiplo é não só o que tem muitas partes, mas o que é dobrado de muitas maneiras”. A vida e as experiências voltadas para a diferença formam dobras dentro das dobras e, sendo assim, o pesquisador precisa procurar a elasticidade e a flexibilidade, que formam a coerência desse campo permeado por dobras, para não perder ou esquadrihar a conservação de forças inseridas aí.

O múltiplo é inseparável das dobras, é o encontro entre o virtual (sonho) e o atual (realidade) dos pagadores de promessas. É nessa dobra sobre dobra que se tem uma religiosidade sem limites, embora suas condições sejam determináveis.

E essa diferença advinda do trabalho de campo é profundamente relativizadora (DAMATTA, 1981), já que o contato se faz direto com o objeto de estudo, fazendo e refazendo as noções sobre o que se pesquisa:

Nada deve ser excluído do processo de entendimento de uma forma de vida social diferente. Mas tudo isso, convém sempre acentuar, dentro da perspectiva segundo a qual a intermediação do conhecimento produzido é realizada pelo próprio nativo em relação direta com o investigador. Ou seja, na postura às vezes difícil de ser entendida, posto que se baseia em um ponto crucial: que o nativo, qualquer que seja a sua aparência, tem razões que a nossa teoria pode desconhecer e – frequentemente – desconhece; que o “selvagem” tem uma lógica e uma dignidade que é minha obrigação, enquanto antropólogo descobrir. (DaMatta, 1981: 150).

E, sem dúvida nenhuma, essa é uma pesquisa que precisa de muita relativização, porquanto existe ampla literatura que desqualifica os praticantes dessa fé; no entanto, essa situação tem mudado bastante, não sei se por uma questão de entendimento da fé praticada aí, mas, talvez, por interesses econômicos e políticos que põem Juazeiro do Norte em uma uma religiosidade bastante misturada e sem diferenciação rígida para o pagador de promessas.

condição de cidade com vocação para o turismo religioso. Para isso, faz-se necessário toda uma mudança na representação simbólica que comumente se faz da religiosidade local, ou seja, o que antes era visto como fruto da alienação agora é divisado com olhos folclóricos, por intermédio de uma mídia comprometida com uma imagem paternalista dos romeiros e dos pagadores de promessas. A representação do exótico continua presente, mesmo que, de certa forma, aceito.

Por isso, uma etnografia minuciosa pode trazer ao *olhar*, ao *ouvir* e ao *escrever* essas histórias com “h” minúsculo, que ajudam na composição dos milhares de microsporos dessa realidade. Foi no exercício da etnografia que se colocaram as premissas básicas do fazer antropológico desta pesquisa, pois foi pesquisando *em* Juazeiro do Norte que pude estranhar para depois relativizar e, por fim, me familiarizar com as práticas religiosas dos pagadores de promessas.

No campo religioso pesquisado, percebe-se um santo, mas não só um santo préconcebido e institucionalizado, pois ele aqui é uma criação religiosa, mas também artística, no qual real e imaginário se enrolam em uma alquimia muito própria. Como diz Certeau (1994), o “homem ordinário”, que vai a Juazeiro do Norte travestido de pagador de promessas, escapa silenciosamente a conformação de situar o “santo” nos parâmetros fixos da razão; esses mesmos romeiros transformaram um homem “indiscutivelmente devoto, humilde e virtuoso” (DELLA CAVA, 1976: 37) no maior santo “popular” brasileiro e o então insignificante arraial de Joazeiro (grafia da época) com seus então dois mil habitantes em uma referência no sul do Estado com aproximadamente duzentos e quarenta mil habitantes.

Desde o momento em que romeiros de todas as partes foram atraídos pelo sangue derramado da boca da beata Maria de Araújo, em março de 1889, Juazeiro do Norte se transformou em “terra santa”. A partir desse momento, em que a “Providência divina” mandou esse sinal do além até o presente dia, vê-se uma luta entre as *inventividades* dos pagadores de promessas que narram à sua “maneira” os fatos acontecidos em Juazeiro do Norte, criando seus ritos e, muitas vezes, se reapropriando do espaço “racional” da fé e, de dentro desse sistema de poder, criam astúcias e táticas que rompem com a lógica formal da Igreja.

Não se trata, porém, de romantizar a pobreza, as dificuldades da vida, a opressão, a miséria e o sofrimento desse povo romeiro. Primeiro porque não é só disso que trato nessa pesquisa, pois, diferente do que muito se lê sobre pagadores de promessas, aqui está um

campo repleto de alegria, coexistindo com a dor. Aquele que procurar enxergar de *fora* o olhar ficará impregnado de penúria; no entanto, o que procurar ver de *dentro* perceberá uma alegria intensa. A questão não é a *dor* ou a *alegria* no sentido de uma bipolarização, mas sim perceber que existe conjugação entre esses dois sentimentos no ato de pagar promessas.

De outra forma, há outras normas e padrões de comportamento diferentes das que estamos acostumados na urbe. Por exemplo, fui educado em colégios particulares, com comportamento bem definido, *territorializado* na cultura urbana, com suas regras, valores, visões de mundo, freqüentando *shopping centers*, viajando o Brasil e alhures. Em suma, faço parte do que Ariano Suassuna chama de Brasil oficial, mas nada disso me tocou mais profundamente do que deparar o Brasil real, com seu retrato da miséria de um lado e o da astúcia de vida do outro.

Atravessado e *reterritorializado* por uma espécie de *devir-romeiro*², não consegui optar por categorizar aquela expressão religiosa de “misticismo alienado” como muitos pesquisadores³ que, distantes daquela realidade e ausente de um mínimo de conhecimento para compreender as razões e os anseios do outro, assim o fizeram. Desse modo, fiz uma opção (creio) por ver a realidade de dentro. Por meio da observação participante (MALINOWSKI, 1976) acompanhei as missas, as procissões, a entrega de ex-votos, li cartas votivas, entrevistei ou apenas conversei com romeiros, comerciantes, pedintes, motoristas de ônibus, de pau-de-arara, enfim, os variados fios que compõem essa teia. Com efeito, pude ver *in loco* as dificuldades e anseios do romeiro travestido na esperança que cerca a fé.

Aprendi que fé não é somente entrar um templo e seguir passo a passo os cânones institucionais. Percebi que a fé é intensamente misturada e, que este pode se inserir no indizível, no impensável, na fantasia mágica que também faz parte do mundo⁴.

² Segundo Deleuze, o *devir* não é jamais imitar, nem se assemelhar a um modelo, ou melhor, o *devir* é o produto próprio do desejo. Portanto, não é uma generalidade, muito pelo contrário, está ligado à ordem das singularidades e não se prende a uma ordem estática da existência. Quando digo que estou atravessado por um *devir-romeiro*, não se trata de ser igual a um deles, mas sim, de perceber que algo de romeiro e dessa forma diferente de viver perpassa a minha pessoa.

³ Entre eles: Lourenço Filho, Rui Facó, Gustavo Barroso etc.

⁴ Lembro-me de que não existe História sem fantasia. Por mais séria que seja a História ela estará permanentemente repleta de ficção.

*Riobaldeei*⁵ minhas idéias acerca do sertão, entendendo-o como um espaço heterogêneo e contraditório, concebendo-o como transpondo de suas fronteiras geográficas e físicas. O sertão é e não é. Repleto de entradas, saídas e vindas, não se conformando a uma linha reta de subjetividade. Tive que abandonar modelos de pesquisa os quais subordinavam o sertão a uma noção rígida de identidade⁶. Pelo contrário, precisava devolver sua dinâmica, sua porosidade, adensando o meu campo de pesquisa na tentativa de sair do velho esquema que rotula essa religiosidade como proveniente da pobreza, da alienação e do misticismo. Sei que não sou o primeiro a fazer isso e que existe toda uma tradição acadêmica dentro dessa perspectiva, embora me pareça que essa tentativa de quebrar com esses estereótipos esteja, de certa forma, restrita aos muros da academia e aos próprios pagadores que não se vêem dentro dessas formas.

Foi de imagens memoradas que surgiram os principais questionamentos do meu projeto de mestrado. No recorte, pretendia estudar o tema dos ex-votos como mecanismo de entendimento da *dádiva* e das *trocas simbólicas*. À medida que elaborava a etnografia do campo, no entanto, ficava claro que a questão da *dádiva* e das *trocas simbólicas* não se restringia à entrega de ex-votos, mas sim a toda uma prática do espaço sagrado. Entre o momento do pedido, a graça alcançada e o agradecimento, existe toda uma conjuntura de ações, de regras e trocas, que não fica restrita à casa dos milagres. Pelo contrário, a entrega do ex-voto é uma das várias obrigações religiosas que o pagador de promessas tem com o “santo” nessa relação entre o pedir e o receber.

⁵ Faço aqui referência direta ao personagem central de “Grande Sertão: Veredas”, o jagunço - filósofo Riobaldo, que, no decorrer da sua narrativa de vida, coloca um sem-número de reflexões em torno da noção de “Sertão”, desfazendo e dotando de novos significados essa categoria. Alguns exemplos: “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”, “... sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!”, “Sertão: estes seus vazios.”, “No sertão, até enterro simples é festa”, “O sertão é do tamanho do mundo”, “Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde o homem tem de ter a dura nuca e a mão quadrada”, “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.”, “Ah, tempo de jagunço, tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?”, “Ah, mas, no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo”, “Sertão é o sozinho”, “Sertão: é dentro da gente”, “O sertão tem medo de tudo. Mas eu hoje acho que Deus é alegria e coragem”, “O sertão é sem lugar”, “Sertão – se diz -, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem”, “O sertão é confusão em grande demasiado sossego...”, “O sertão tudo não aceita?”, “Sertão foi feito para ser sempre assim: alegrias!”, “Deus deixou. Deus é urgente sem pressa. O sertão é dele.”, “O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente... E – mesmo – possível o que não foi.”, “Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme.”, “O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...”. Enfim, são muitas as reflexões em torno do sertão nesse livro riquíssimo, com o qual tenho uma enorme dívida.

⁶ Penso que é muito complicado trabalhar com a noção de identidade neste trabalho, pois se sabe que todo saber é local (GEERTZ, 1997) e, assim sendo, a fabricação do saber está em toda parte. No caso específico de Juazeiro do Norte, acredito que não existe somente uma linha de pensamento em torno da questão religiosa, pelo contrário, sabe-se que existe uma teia complexa deromeiros de todas as partes do Brasil, de várias origens sociais e econômicas. Existe aqui um paradoxo da identidade. Então, pergunto: é possível homogeneizar essa identidade?

Nesse sentido, procurei perceber os tipos de relações socialmente elaborados pelos homens e a tessitura de significados (GEERTZ, 1978) que se dava nessas obrigações, tais como: a travessia até Juazeiro do Norte, assistir à missa, rezar o terço, dar esmolas (além da moeda, comida, roupa etc.), soltar fogos, visitar o túmulo do Padre Cícero, ir ao “santo sepulcro”, acender velas, escrever cartas de agradecimento, amarrar fitas nos braços ou pernas, escrever o nome na estátua do *padim*, dar três voltas em torno do seu cajado, vestir a batina do *cura* etc. Procurei compreender ... o interesse que os agentes podem ter em fazer o que fazem?(BOURDIEU, 1996: 137), para investigar os procedimentos nada ingênuos dos pagadores de promessas.

Segundo Bourdieu, o ato gratuito é um ato do qual não se extrai sentido, um ato absurdo, sem sentido, louco, embora o que se vê no ato de pagar promessas é todo um jogo de interesses que faz parte de uma *illusio* muito própria; pois aqui se joga com os desejos produzidos pelas estruturas mentais como também pelas estruturas objetivas inscritas nesse espaço social.

Por isso, faz-se necessário cartografar todas as linhas que compõem essa grande teia em torno da questão dos pagadores de promessas de Juazeiro do Norte, com o intuito de perceber novos territórios dentro desse campo religioso. Isto é fato que muitas coisas acontecem na dimensão da macropolítica, mas há também toda uma série de linhas que se inserem na micropolítica e que são responsáveis por molecularidades nesse tecido social.

Dessa forma, pretendo traçar mapas físicos, geográficos, espaciais, assim como mapas internos, subjetivos, afetivos que se incluem na evocação de homens, mulheres, velhos e crianças do sertão, na maioria todos muito pobres, que chegam a Juazeiro do Norte de pés no chão, de paus-de-arara, de ônibus, de bicicleta ou de carona, tomados de imensa alegria por pisar em “solo sagrado”, poder reverenciar o *padim* Cícero em sua terra. O Juazeiro do Norte das ruas santificadas - Santa Rosa, São José, São Paulo, São Pedro, Santo Afonso, São Benedito, Santo Antonio, Padre Cícero, Frei Damião e outras;

O Juazeiro do Norte do *Memorial Padre Cícero*, com as fotos do *padim* e da cidade se fundindo em uma só, do original de seu testamento, do lenço que enxugou sua última lágrima, da fita que atou suas mãos na primeira celebração, dos utensílios domésticos e objetos pessoais, das fotografias e dos quadros⁷: imagens que contam o canônico e o não

⁷ Seqüência de dez quadros, contando, sucintamente, a história do milagre de Juazeiro e a do padre Cícero. O interessante é que os quadros misturam fatos históricos com o imaginário em torno dos fatos acontecidos. Os signos contidos nos quadros são bem definidos e esclarecedores: os três juazeiros, a capela de juazeiro, os sertanejos, os sonhos do padre Cícero, a beata Maria de Araújo, o milagre, visita do padre Cícero a Roma,

canônico dessa história⁸. As homenagens póstumas concedidas pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (cidadão de Fortaleza – *post mortem*); assim como uma moeda em que está cunhado o rosto do Padre Cícero, em decorrência dos 150 anos de seu nascimento, concedida pelos correios e, no fundo, em segundo plano, vêem-se um vaqueiro e mandacarus em uma direta ligação e homenagem ao povo sertanejo. Complementando as homenagens, um quadro com referência ao cidadão cearense do século concedida em votação pelo Sistema Verdes Mares de Comunicação de Fortaleza;

O *Memorial*, de cuja frente se avista a *capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*, no qual se encontram sepultados os restos mortais do Padre Cícero e que é ponto de devoção, de entrega de ex-votos e também de benzedura de terços, santinhos, carteiras, anéis, documentos, entre outros, porque, segundo os *cíceros*, do seu túmulo emergem energias que curam, abençoam e dão proteção.

Há, ainda, a *casa do Padre Cícero* com seu interessante museu, repleto de animais empalhados, com sua costela de baleia e seus relatos próximos ao realismo fantástico, a maquete daquela que deveria ser a matriz de Juazeiro do Norte e que não foi, a cama que acompanhou seu último e definitivo suspiro, local de rituais e *performances*. E, é claro, a sala dos milagres, contando e recontando os atos de fé.

Juazeiro dos benditos, das rezas, das ladainhas, dos cantos e hinos que levam a uma ambientação sonora hipnótica, em que a repetição é usada à exaustão para se transmitir certas mensagens, da mesma forma que o *loop* na música contemporânea. Juazeiro da subida da Serra do Horto – antiga serra do Catolé – com suas estações e altares (como as estações do calvário de Cristo), da Pedra do Joelho, da Casa de Madrinha Dodô com seu povo que vem de Santa Brígida, cada qual levando sua contribuição para a casa, o acolhimento da boa chegada, as preces para um bom retorno, signo que traduz a fé desse povo, um nicho religioso. Do Santo Sepulcro, da estátua do padre Cícero que lá do alto tudo observa, onde os ventos da fé fazem a curva e voltam com maior ímpeto para formar a *Illusio* deste campo religioso.

Enfim, nesse espaço consagrado da religiosidade cearense, nordestina e brasileira, santos canônicos disputam espaço com a “espontaneidade” do povo, que canoniza aqueles que fazem sentido e/ou deram significado a sua fé e a sua esperança. A cidade diz tudo; mesmo na

padre Cícero e Floro Bartolomeu, o pacto dos coronéis, a cidade de Juazeiro atualmente. São essas as temáticas contidas nos quadros que entrecruzam o real e o imaginário desses fatos.

⁸ Assistindo a uma palestra do escritor Carlos Heitor Cony, no Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília, ele disparou a seguinte frase: “A história oficial tem de ser entendida a partir dos bastidores e não do proscênio”. Esta frase vai ser guia do campo de pesquisa aqui feito.

tortura da sua paisagem, conta e reconta sua história, tanto sob o ponto de vista oficial quanto do seu patrimônio imaterial, pela voz do povo romeiro, que ano a ano procura aí o bálsamo para as dores da existência. Não é só dor que se vislumbra na paisagem de Juazeiro do Norte, contudo, pois outras linhas se encontram nesse mundo rizomático⁹, culminando em catarse, em alegria. Basta passar os olhos pela cidade, reparar nos seus inúmeros símbolos e signos, conversar com seus habitantes para perceber que existe um fio condutor para toda essa fé: o padre Cícero Romão Batista.

Quero deixar claro que o objetivo desta dissertação não é contar a história de Juazeiro do Norte e do Padre Cícero, mas entender como o próprio romeiro e as pessoas que habitam aquele território considerado “sagrado” se vêem e como eles contam suas histórias, como diz Ramos:

Assumindo a condição de devotos do Padre Cícero, homens e mulheres passaram a dar ressonância aos prodígios de Juazeiro na medida em que também sentiram-se participes do movimento, protagonizando narrativas de promessas e dádivas recebidas. As crenças geravam histórias, assim como as histórias geravam crenças. *Antes de ser explicado, Juazeiro foi narrado.* (RAMOS, 2001: 37).

Parto então dessa história fomentada em um catolicismo não romanizado, transmitida oralmente, em uma travessia de gerações, de linhas reais e imaginárias que compõem essa multiplicidade; na qual não existem linhas retas, nem nas coisas, nem nas pessoas e muito menos na fé.

Pretendo aqui, por meio de exemplos coletados nas minhas pesquisas de campo, demonstrar um conjunto de “razões”¹⁰ praticadas pelos *cíceros* em Juazeiro, que, aparentemente incompreensível, constitui-se de regras formuladas socialmente em um espaço determinado, e que foge, ou melhor, preenche com novos significados a conhecida racionalidade da Igreja Católica Apostólica Romana.

⁹ DELEUZE, Gilles. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. “diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remetem necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regime de signos muito diferentes, inclusive estado de não-signos”.[P. 32]. Portanto, não se trata de buscar as raízes dessas práticas, mas pensar como a diferença e o múltiplo afeta a experiência “real” e interfere nos conceitos de representação desse campo religioso.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

Tendo como objeto central os pagadores de promessas do *padim* padre Cícero, fiz ao todo nove viagens de campo a Juazeiro do Norte – CE¹¹ (duas em 2005 e sete em 2006), sendo que sete dessas viagens ocorreram para acompanhar as romarias e as outras duas não estavam propriamente em período, no sentido oficial do calendário, embora, em se tratando de Juazeiro do Norte, seja romaria sempre. Nas duas viagens que fiz em período não oficial de romaria, no entanto, permaneci por cerca de trinta dias em cada uma delas e pude, com calma, investigar uma série de acontecimentos que resultaram em um adensamento decisivo para essa pesquisa; pois não fiquei só restrito ao mundo dos pagadores de promessas e a Juazeiro do Norte, mas pesquisei cordelistas, xilogravadores, santeiros, artistas dos mais variados matizes “popular”. Assim, também, conheci outras cidades do Cariri como: Crato, Missão Velha, Barbalha, Nova Olinda, Caririáçu, Santana do Cariri, e outras¹².

E, à medida que ia aumentando o número de linhas desse colorido bordado, passei a entender que a fé aí é um *fato social total* e o amálgama que perpassa toda essa riqueza são os fatos acontecidos em torno da figura do *padim Ciço*. Nessas viagens, bati cerca de duas mil fotografias, coletei próximo de vinte horas de entrevistas, separei e copiei mecanicamente mais de mil cartas votivas, sem falar nas quase sessenta horas de imagens capturadas pelo LAI (Laboratório de Antropologia da Imagem – UFC) para o documentário “*Chagas Abertas, Coração Feliz*”, do qual participo como pesquisador. Talvez, o mais importante de tudo, porém, tenha sido entregar-me com verdadeiro afeto à pesquisa e, na medida do possível, me haver concedido a chance de construir um olhar sensível e subjetivo, dessa parte tão especial do Nordeste brasileiro.

Algumas preocupações, no entanto, vinham à cabeça, quando iniciei a pesquisa. A primeira era relativa à grande massa de conhecimentos históricos e pesquisas relativas ao Padre Cícero, a Juazeiro do Norte e aos pagadores de promessas. A segunda era se esse mesmo conhecimento acumulado não obstruiria o meu pensamento, no sentido de engessá-lo e, finalmente, o terceiro, dizia a uma velha pergunta: *como fazer uma pesquisa acerca dos pagadores de promessas de Juazeiro do Norte sem cair na fabricação de estereótipos e*

¹¹ Seis dessas viagens foram feitas com o grupo de pesquisadores do Laboratório de Antropologia da Imagem – LAI, coordenado pela Prof(a). Dr(a). Peregrina Capelo, com o objetivo de trabalhar em um documentário de nome homônimo a essa pesquisa. Em uma dessas viagens, aproveitei para captar imagens em Exu-PE, para outro documentário intitulado “*Pra onde tu vai, Baião?*”. Desde já, fica meu agradecimento a todos do LAI que foram interlocutores, parceiros e amigos nesta pesquisa: Peregrina Capelo, Henrique Dídimo, Philipi Bandeira, Dália Maia, Rubens Venâncio, Maria Voss, Kaciano Gadelha, Lara Capelo, Iane Lustosa, Luís Capelo e Cláudio Reis. Com certeza, nessas linhas estão inseridas um pouco de cada um deles.

¹² Trabalho nessa pesquisa com a noção de Paidéia (JAEGER, 2001), pois acredito que muitas praticas e ações permeiam o mundo do pagador de promessas. Dessa forma, minha investigação gravitou ao redor de outros locais e também por pessoas que vivem dessa fé, no intuito de compreender melhor a história da região e a sua conseqüente formação religiosa.

arquétipos devidamente acabados? Para minha surpresa, à medida que estava fazendo o campo, essa mesma literatura,¹³ que considerava preconceituosa e equivocada, foi à mesma que me trouxe a reflexão e o discernimento necessários para manter o pensamento sempre aberto, visto que comecei a entender que tudo ali carecia de sentido, que o conhecimento ali não tinha início nem fim, apenas o meio e, neste sentido, os pagadores de promessas constituem vetores de singular intensidade no que concerne à fé.

Por isso, com o adensamento cada vez maior do campo, não poderia tomar ao pé da letra esse arcabouço teórico e, de outra forma, também não pude descartar a literatura clássica em torno desse tema¹⁴, porque esta foi a responsável por dobras na formulação desse pensamento. Cito aqui uma passagem do livro *Por que ler os clássicos*, do escritor italiano Ítalo Calvino, que resume bem minhas reflexões em torno deste ponto:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem e nos costumes). (1993: 11).

Por fim, intuí que existia uma possibilidade de afirmar a diferença e a singularidade dos *cíceros*, com caráter positivo¹⁵, ou seja, tentando compreender de dentro a *illusio* desse jogo e as forças ativas; o *eterno retorno*, mas não do mesmo e sim das intensidades.

Dessa maneira, com o tempo, e a maturidade vinda naturalmente de um pensamento em construção, notei¹⁶ que precisava compreender o problema da criação de *sentido* e *valor*, relacionado aos mecanismos da *dádiva* e da *economia das trocas simbólicas*. Assim, algumas questões me pareceram fundamentais, tais como: que forças se apropriam da fé dos pagadores de promessas? Quais os seus signos e sintomas? Que quantidade de realidade é explorada? Qual é a pluralidade de sentidos da fé que tomam essa realidade? Quando procuro essa idéia pluralista de que o fenômeno religioso tem vários sentidos, é no

¹³ Obviamente me refiro a uma parte dessa bibliografia e não ao todo. Existem autores que procuraram pensar o fenômeno de Juazeiro do Norte de dentro e de forma crítica. Cito alguns: Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, Régis Lopes, Titus Riedl, Gilmar de Carvalho, Maria do Carmo Pagan Forti, Ralph della Cava, entre outros.

¹⁴ Os clássicos a que me refiro são as obras “Economia e sociedade”, de Max Weber, “As formas elementares de vida religiosa”, de Emile Durkheim, e “Sociologia e Antropologia”, de Marcel Mauss.

¹⁵ Entendo como “positivo” a afirmação das potências da diferença constituída nesse campo religioso; ou seja, negar que as práticas desse campo religioso são fruto de um atraso, de um poder místico e de um processo alienador do homem; mas sim compreender a formação da moral e dos interesses que estão em jogo.

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

intuito de perceber as forças que agem nesse espaço; ou melhor, é conceber e pesar as coisas e os sentidos das forças que compõem o campo:

Conhecer não é explicar; é interpretar. Mas é uma ingenuidade pensar que uma única interpretação do mundo seja legítima. Não há interpretação justa; não há um único sentido. A vida implica uma infinidade de interpretações, todas elas realizadas de uma perspectiva particular (MACHADO, 1999: 94).

Lembro que essas relações de forças não se constituem em uma batalha dialética, pois essas forças não se anulam e não se concebem como elemento negativo na essência, ou seja, trata-se de trabalhar a diferença como objeto de afirmação e de gozo. Nesse intuito, é interessante perceber como se processam essas relações de força entre o romeiro e a Instituição¹⁷? Quem são esses romeiros que vêm dos mais diversos locais, das profundezas dos Brasis?

Assim sendo, Juazeiro do Norte, no exercício de sua religiosidade, com suas múltiplas possibilidades de leitura e interpretações, emerge como uma Atenas nordestina, oferecendo-se como verdadeiro mosaico, apinhado de desdobramentos ininterruptos de um Brasil barroco, que põem em xeque conclusões pautadas na dicotomia; onde dor e alegria coexistem, abrindo-se para outras possibilidades; possibilidades, quem sabe, de uma lógica que poderia chamar de múltiplas, cheia de identidades-próteses, que na linguagem “*roseana*” poderia ser tudo certo e tudo incerto, nonada, é e não é...

Olhou para o simples altar, acendeu velas, rezou o terço, o *padrinho* de gesso desbotado, pediu com muita fé a graça cobiçada, permaneceu um tempo no “vazio” para depois ressurgir em toda intensidade da dádiva alcançada. Fez-se necessário pagar a dívida para com o santo, teria que passar novamente pela angústia, por essa inquietação da incerteza de pagar a promessa. Para no fim, recuperar esse sentimento de existência efêmera, de tornar real o fim de um contrato, pôr em dia seu crédito e desfrutar da alegria de um processo que está em vias de recomeçar. Existe preenchimento maior do que a alegria¹⁸? Esse sentimento tão difícil de precisar, pois podemos falar de uma imensidão de motivos para significar a alegria, mas é muito improvável que encontremos uma só em particular. A alegria ignora a adversidade, não se afina com razão nenhuma, esse sentimento “a mais”, que não está em margem nenhuma e em todas as margens ao mesmo tempo. “... há na experiência da alegria

¹⁷ Santa Congregação dos Salesianos

¹⁸ ROSSET, Clément. Alegria: a força maior. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

alguma coisa que ultrapassa todas as considerações que dela pretendessem dar conta...” (ROSSET, 2000:13). A alegria se encontra na melodia do real, talvez, por isso, o pagador de promessas sinta tanta alegria. Sua travessia deixou de ser a angústia do irreal, posto que terminasse. Cumpriu um irremediável caminho que se iniciou em uma esperança, em uma necessidade “qualquer” da vida, uma vez que foi da ausência do real que se fez a dor. Diferentemente da alegria, ou seja, na angústia e na dor, conhecemos suas causas e sabemos o exato porquê dessa sentimentalidade.

É por meio dessa relação trágica entre pagador de promessa e santo que se pensa esse campo. É de um humano frágil, de ações aparentemente incompreensíveis e, por que não dizer, do desconhecimento de nós próprios, que se versa aqui. E se há lágrimas e há risos é porque o contraditório aqui faz parte do rito religioso, é uma *kátharsis* no sentido aristotélico. O indivíduo que paga promessa não o faz só para si, já que seu exemplo passa e repassa valores purificando aquele que experimenta a emoção através do *outro*. A *kátharsis* ensina; ou melhor, a purgação como parte deste ritual purificador, mas também como exemplo para essa *Paidéia* religiosa, pois é nesses contrários que se pensam a fragilidade e a potência humana. É nos incontáveis exemplos de pagadores de promessas que se constroem memória e o paradigma de agir no campo religioso; por meio da *kátharsis*, se vivenciam os limites e “deslimites” que se deslocam entre os pólos do sagrado e do profano, propiciando uma experiência purificadora por meio da vivência.

Chagas abertas... O corpo modelado pela dor em imagens que se constroem fragmentos refratados de corpos, de objetos contemporâneos que traduzem as preocupações da vida cotidiana. Esses quadros imagéticos compõem a semiótica de graças alcançadas da *economia do dom*, na Casa dos Milagres. São pedaços de vidas e tempos, linhas que se cruzam no *rizoma* da fé. Pretendo ver o que não está dado. Criar imagens cartográficas, imagens que levem a pensar/perceber esses cruzamentos de vidas e desejos mediante a fé. Cada signo na parede dessa casa mescla o milagre e o trágico, cada um tendo seu *espaço-tempo*.

Coração feliz... Na casa do padre Cícero, uma romeira dança, sorri, roda seu vestido simples, como se estivesse em um grande baile. Ela se sente em casa. De uma ponta a outra da sala, “arrasta o pé”, repetindo em uma voz rouca, quase inaudível, a letra de um bendito tocado como forró. Romeira de Taguarana-AL e estava com o coração feliz, como tantos outros.

A proposta é, portanto, trabalhar uma estética da dor e da alegria que perpassa os romeiros. A dor do sacrifício e a alegria de mais uma vez estar na “*terra santa do meu padim*”. Essa dor e essa alegria que fazem de cada romeiro uma *imagem-tempo*. Tempo não no sentido cronológico da hora contada (*chronos*), mas um *tempo-outro*, do sentimento, das intensidades (*aiôn*), do eterno retorno da romaria¹⁹. Tempo da dádiva: intervalo entre a graça alcançada e o pagamento da promessa. Como falam os romeiros: “Juazeiro é romaria sempre!”.

¹⁹ Os conceitos de tempo “aiôn” e tempo “chronos” são trabalhados por Nietzsche na obra “O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo” e também no livro de Peter Pal Pelbart “O tempo não-reconciliado”.

CÁPITULO 1 – A HISTÓRIA DE JUAZEIRO

1.1 O sonho

Na antropologia os sonhos adquirem uma importância analítica. Jean Duvinod dá aos sonhos um status importante para a compreensão dos processos simbólicos das comunidades. É prática nas sociedades primitivas o relato dos sonhos, como indicador do que pode acontecer, de responder questões importantes na comunidade. Os xamãs são os personagens que sintetizam e interpretam os sonhos da comunidade primitiva assumindo o que equivale ao psicólogo e os psicanalistas nas sociedades contemporâneas.

Campbell diz “o sonho é um mito pessoal e o mito é um sonho coletivo” (a saga do herói). A literatura de Eliade leva a reflexões da ordem do antropológico quando fala de mitos, símbolos, sonhos:

“O mundo [fala] ao homem e, para compreender essa linguagem, basta conhecer os mitos e decifrar os símbolos. Através dos mitos e dos símbolos da Lua, o homem compreende a misteriosa solidariedade entre temporalidade, nascimento, morte, ressurreição, sexualidade, fertilidade, chuva, vegetação, etc. o mundo já não é mais uma massa opaca de objetos dispersos, mas um cosmo vivo, articulado e significativo. em última análise, *o Mundo revela-se enquanto linguagem*. Ele fala ao homem através de sua própria maneira de ser, permeando suas estruturas e seus ritos”.(ELIADE, 121).

Encontro na antropologia um argumento de autoridade para fazer capturas das manifestações e das práticas fervorosas do campo religioso de Juazeiro do Norte. São linhas de grande potência de diversidades sócio-culturais que quando se tocam possibilita compreender as especificidades da religiosidade ali exercitada²⁰. Dialogando com Jung ele diz:

Entre em detalhes sobre a nossa vida onírica por ser ela o solo de onde, originalmente, medra a maioria dos símbolos. Infelizmente, é difícil compreender os sonhos. Entre em detalhes sobre a origem de

²⁰ nota de rodapé, alguns alunos e professores deste departamento tomaram conhecimento do interesse do antropólogo, dentre eles a hoje professora deste departamento Peregrina Capelo Cavalcante, falando que ele visitou o curso de sociologia da UFC para dar palestras e manifestou interesse em fundar um banco de sonhos para interpretar questões fundamentais da ordem do simbólico de algumas comunidades na periferia da cidade de Fortaleza.

nossa vida onírica. Como já assinalei, um sonho em nada se parece com uma história contada por uma mente consciente. Na nossa vida cotidiana refletimos sobre o que queremos dizer, escolhemos a melhor maneira de dizê-lo e tentamos dar aos nossos comentários uma coerência lógica. Uma pessoa instruída evitara, por exemplo, o emprego de metáforas complicadas a fim de não tornar confuso o seu ponto de vista. Mas os sonhos têm uma textura diferente. Neles se acumulam imagens que parecem contraditórias e ridículas, perdendo-se a noção de tempo, e as coisas mais banais se podem revestir de um aspecto fascinante ou aterrador... qualquer coisa que tenhamos ouvido ou experimentado pode tornar-se subliminar – isto é, passar ao inconsciente. E mesmo aquilo que retemos no nosso consciente e que podemos reproduzir à vontade adquire um meio-tom inconsciente que dá novo colorido à idéia, cada vez que ela é convocada. Nossas impressões conscientes, de fato, assumem rapidamente um elemento de sentido inconsciente que tem para nós uma significação psíquica, apesar de não estarmos conscientes da existência deste fator subliminar ou da maneira pela qual ambos ampliam e perturbam o sentido convencional. (JUNG, 1964:39-40).

Tomo como referência Jung para referendar o conceito de sonho, no caso, os sonhos de Padre Cícero. Na minha pesquisa de campo vários foram os relatos e afirmações de que o taumaturgo teria sido uma pessoa humana com manifestações mediúnicas. O meu objetivo aqui não é afirmar essa questão, mas apenas citar esta fala do campo. Os sonhos do Padre Cícero saíram do domínio privado para o domínio público dando respaldo a formação de um mundo imaginário em torno dele, do milagre da beata e de sua fama de adivinho, transformando-o em “santo” aconselhador da comunidade caririense.

Jung afirma que o homem é um construtor de símbolos e que os sonhos funcionam como um meio de expressá-los:

...vamos descobrir que muitos sonhos apresentam imagens e associações análogas a idéias, mitos e ritos primitivos. Estas imagens oníricas eram chamadas por Freud “resíduos arcaicos”. A expressão sugere que estes “resíduos” são elementos psíquicos que sobrevivem na mente humana há tempos imemoriais. (Id.Ibidem, 1964:47).

Nas minhas leituras sobre o caso Padre Cícero, nas minhas observações empíricas surgiu a referencia de Padre Cícero a um herói que veio para transformar, ajudar, adocicar, dar sentido a vida dos miseráveis. Pela história deste padre vários elementos apontam para essa heroicização. Segundo Campbell, o herói é aquele que se exaure em sua missão, vive para sua causa, são símbolos fortíssimos de transformação, dotados de forte carga emocional, de grande potencial transformador, fertilizando e trazendo vida nova. Na perspectiva Jungiana:

O herói, como arquetípico, está sempre constelado nas grandes transformações. Assim temos o herói matriarcal, implantando o dinamismo da grande mãe, fertilizando e organizando o mundo em função dos princípios de procriar, nutrir, cuidar e acolher. O herói patriarcal implanta sua lei, a moral espiritual, a palavra, a coerência, o sacrifício do espontâneo para se atingir um objetivo. (BRANDÃO, 1990: 10).

1.2 A chegada

Segundo Ralph Della Cava no livro “*Milagre em Joazeiro*”, em 11 de abril de 1872 aos 28 anos de idade chegava, a contragosto em Juazeiro do Norte e atendendo ao pedido de dois ilustres moradores dessa cidade, o jovem sacerdote recém-ordenado Padre Cícero Romão Batista. Os relatos diziam que essa deveria ser a primeira e última vez que o jovem sacerdote iria ao local, já que na época para ir do Crato (sede do município) para o Juazeiro, gastava-se três horas a cavalo atividade que o jovem Padre Cícero não tinha muita inclinação²¹.

Por essa época, estava vago o cargo de capelão da cidade de Juazeiro, no entanto, não fazia parte dos seus planos permanecer ali, pois queria retornar a Fortaleza como professor do seminário Diocesano²². Porém, um sonho alterou seus planos, depois de um dia cansativo, no qual confessou homens e mulheres do arraial, dirigiu-se ao seu aposento na escola que estava hospedado e caiu no sono.

²¹ Fiz uso das obras que se seguem na construção deste capítulo: BARROS, Luitgarde C. *A terra da Mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1977. ANSELMO, Otácilio. *Padre Cícero: Mito e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. LOURENÇO FILHO, Manoel B. *Juazeiro e o Padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo brasileiro*. São Paulo: Ed. Comp. Melhoramentos, s/d. SOBREIRA, Azarias. *O Patriarca de Juazeiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998. FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro: a beata do milagre*. São Paulo: Annablume, 1999. CARVALHO, Gilmar de. *Madeira matriz: cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1999. Estas obras tematizam sobre a vida sacerdotal, política, histórica e imaginária de Padre Cícero. Tomo como referencias principais as obras de Ralph Della Cava, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes e a de Francisco Régis Lopes Ramos.

²² DINIS, Manoel. *Mistérios do Joazeiro*. Joazeiro, Ceará, 1935.

Em sonho veio a imagem que mudaria sua vida. 13 homens em vestes bíblicas entram na escola e se sentam à mesa. No sonho, o padre acordava e observava os atos dos treze homens sem ser visto. Enquanto Cristo dirigia a palavra aos seus apóstolos, ainda no sonho, camponeses entram na escola vinda de todos os recantos dos sertões nordestinos, pregou então para eles lamentando a dureza e crueldade do mundo e, nesse momento, dirigiu a palavra ao Padre Cícero atônito e pediu que cuidasse daquele povo pobre e oprimido.

Depois desse sonho o jovem sacerdote resolve se mudar para Juazeiro e, conseqüentemente, assumir o cargo de capelão dessa cidade. É necessário ressaltar que a história do Padre Cícero é permeada por essas visões e sonhos, por exemplo, um outro sonho importante citado por seus biógrafos informa que seu pai lhe apareceu em sonho para pedir que siga a carreira sacerdotal, depois virão outros sonhos que sempre compartilhou com amigos próximos e que ajudaram a construir a imagem de um homem com vocação para a santidade.

1.3 Antes do milagre

Juazeiro foi nos seus primórdios um ponto de repouso para tangerinos²³ e viajantes que vinham da Paraíba, de Pernambuco, do Piauí para comercializar na cidade de Crato o principal centro comercial do Vale do Cariri. A ligação mais estreita com o Recife impregnou a cidade do Crato de um pensamento político nacionalista e separatista em relação ao resto do Estado do Ceará, mas que não foi à frente pela própria conjuntura política brasileira que era extremamente conservadora e centralizadora, segundo Della Cava:

Assim, tornou-se o Crato um centro de exércitos particulares que, no Ceará, buscavam a independência, após uma luta árdua contra os antigos senhores portugueses de Fortaleza e Icó, os outros dois únicos centros importantes, em população e riqueza, do Ceará, naquele tempo...os líderes políticos da região eram demasiadamente radicais e, logo, caíram em desgraça com os conservadores que dominavam, cada vez mais, a estrutura de poder, altamente centralizada, do Império brasileiro recém-independente. (DELLA CAVA, 1977: 25-26).

²³ Homens tangedores de bois ou que tangiam as boiadas para os mercados.

Um outro agravante, além da questão política, foram as condições climáticas como as secas, criando assim uma situação de extrema miséria e propiciando o surgimento de bandos de cangaceiros, bandoleiros, ladrões, que formavam um exercito engrossando a desestabilização da prospera economia do Vale do Cariri (império do bacamarte). Segundo o cronista George Gardner²⁴, a desagregação do catolicismo ortodoxo nessa região beirava a imoralidade e isso se refletiu na conduta de padres mulherengos que exibiam suas amantes e seus inúmeros filhos sem nenhum pudor, além disso, tinha sacerdotes que lideravam grupos de homens que serviram a seus interesses políticos utilizando para isso de extrema violência.

1.4 Sertão, sertãozão e seus missionários religiosos.

O pouco ou nenhum contato com a Igreja oficial, dotou esse mundo de sacerdotes estrangeiros que davam extrema ênfase a ira de Deus e a perdição por conta da prática de pecados. Esses padres, na sua maioria missionários capuchinhos, mesmo sem intenção acabaram por gerar um mundo repleto de crenças, superstições e profecias que eram usados para amenizar a dureza e as adversidades da vida tanto entre o povo mais humilde, como também entre os mais abastados que promoviam procissões pedindo a intercessão de Deus por chuva na esperança de obter fortuna, saúde, felicidade e perdão para o povo desgarrado. Frente a essas estruturas política, econômica e religiosa dos sertões do cariri, cria-se espaços para uma religião pregatória, fazendo surgir daí o personagem fundamental para compreender esse processo Padre Ibiapina.

1.5 O missionário dos sertões dos desvalidos.

É nesse contexto que em outubro de 1864 surgiu à figura do padre Ibiapina no Cariri. Este sacerdote não possuía uma formação institucional clerical, isto é com passagem formal por seminário. Ibiapina era obcecado e entusiasmado pela idéia de encaminhar e recuperar o povo sertanejo para a Igreja. Conhecido como advogado dos pobres, juiz de Direito, chefe de polícia, deputado federal e, por fim, depois de várias decepções com a vida pública, troca a toga pela batina, acreditando na articulação de uma práxis, tornando-se inspirador de toda uma geração de conselheiros do povo de matrizes messiânicas, tais como: Antônio Mendes Maciel, Padre Cícero, beato José Lourenço²⁵.

²⁴ GARDNER, George. *Viagens no Brasil principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

²⁵ Segundo Hoornaert (2006) e Diatahy (1994).

Pe. Ibiapina não aceitou honrarias eclesiásticas²⁶, dedicou-se ao projeto missionário de construir algo concreto para o povo sertanejo, assim como educar e doutrinar esse mesmo povo para uma conduta moral e ética diante da vida. Segundo suas pregações, o sertanejo não deveria esperar o pós-morte para ter uma boa qualidade de vida, tirando a palavra de Deus do âmbito metafísico e levando-a ao cotidiano, através de uma espécie de regra de vida baseada no trabalho coletivo. Era um sacerdote que unia o trabalho espiritual ao trabalho material a favor da transformação do ser e da comunidade.

Dessa maneira, os seguidores de Ibiapina praticavam o evangelho pautando este texto sem se prender a esfera de um mundo fantasioso inalcançável na realidade na qual esses sertanejos viviam. Por onde Ibiapina passou pregou o trabalho coletivo em regime de mutirão incentivando a construção de escolas, hospitais, creches, cemitérios, açudes, equipamentos básicos para uma vida comunitária. A evangelização de Ibiapina atingia também a outros lugares de uma comunidade como: a visão de mundo e suas praticas cotidianas, combatendo a violência contra a mulher, dando *status* a mulher de educadora e socializadora, tendo como base o evangelho e a formação crista fundamentada na solidariedade. Valorizou a herança indígena, combateu a prática da sexualidade indisciplinada responsável por uma forma de procriação sem a base familiar importante para a socialização e o inculcamento dos valores cristãos pregados por Ibiapina, delatou a desagregação das estruturas políticas, enfim, demonstrou por suas práticas e discursos uma série de falhas da condução moral de um povo. Sobre a importância de Ibiapina, escreve Eduardo Hoornaert:

O maior milagre de Ibiapina foi o de conseguir uma relativa e passageira organização do povo nordestino atomizado e desarticulado pelo cataclismo do colonialismo.

Este milagre foi apenas passageiro por falta de compreensão do clero, que não entendeu a organicidade da atuação de Ibiapina e se deixou seduzir por modelos pastorais importados da Europa, sem prestar atenção ao que era possível aqui, no Nordeste, concretamente. (HOORNAERT, 2006: 19).

²⁶ Recusou oferta do Bispo Dom João Perdigão, que lhe tinha nomeado Vigário Geral, Provedor do Bispado e professor de eloquência do Seminário de Olinda.

É fundamental a referência ao Pe. Ibiapina, mesmo que brevemente, porque, apesar do Padre Cícero haver estudado no Seminário da Prainha, foi “educado” e “formado” nesse catolicismo pregado nos sertões por Ibiapina e por seus seguidores. Ou seja, um catolicismo não somente romanizado, mas também de forte inspiração indígena, tomando de empréstimo dessas etnias que povoavam o nordeste estruturas de coesão social como o compadrio, o hábito de dar e tomar conselhos, o trabalho em mutirão, o artesanato, ou seja, um catolicismo centrado na junção dessas forças e com ênfase na reza, na caridade e no trabalho. Segundo Menezes:

Quando reflito sobre a condição histórica do Pe. Cícero e de sua gente romeira, de seu e de tempos ulteriores, com todo o seu rosário de conflitos e incompreensões, algumas idéias me ocorrem à mente. Primeiramente, penso nessa imensa figura de missionário dos oprimidos do campo, nesses vastos sertões do Nordeste, na segunda metade do século passado, esse profeta de uma Igreja mais social e mais culturalmente brasileira, por isso mesmo mais universal, que foi o Padre Mestre Ibiapina, matriz de onde surgiram os conselheiros Antonio Vicente Mendes Maciel e Cícero Romão Batista, herdeiros e continuadores dessa plêiade de líderes espirituais que o povo soube tão bem identificar. (MENEZES, 1994:13).

1.6 A microfísica do poder clerical

Em cima desse vazio institucional deixado pela igreja e pelo Estado surgiu uma mentalidade religiosa de raiz messiânica e milenarista que não seguia os preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana e que provocou uma reação por parte dessa instituição.

A primeira atitude foi criar em 1854 a diocese do Ceará, que por essa época tinha 33 padres para dar conta de uma freguesia de 700 mil habitantes. Foi essa a situação que Dom Luis Antônio dos Santos, natural do Rio de Janeiro, encontrou ao chegar ao Ceará em 1861 para tomar posse do cargo de bispo da diocese. Dada à situação Dom Luís procurou tomar medidas enérgicas para recuperar o prestígio e a ortodoxia da Igreja, dando ênfase à formação de novos padres que deveriam ser virtuosos e de conduta exemplar.

Para tal, fundou o primeiro seminário da diocese, que teria orientação dos padres lazaristas franceses, conhecidos pelo rigor e por formar padres piedosos, zelosos e obedientes. Para o cargo de reitor veio em 1864 o Padre Chevallier, que trouxe consigo outros padres lazaristas franceses os quais formariam a primeira turma composta de 12 padres obedientes ao padrão europeu de pensamento.

Um dado interessante é que o Padre Chevallier foi contra a ordenação do Padre Cícero por ver neste um místico e rebelde, sendo o mesmo ordenado por autorização de Dom Luis que a época admirava o jovem sacerdote. Essa forma de pensar vai ser responsável por dissensões dentro do seminário, ou seja, com o tempo será construída uma reação a esse modelo europeu considerado incompatível a realidade brasileira.

Esses padres, por exemplo, vão ser insensíveis as missões do padre Ibiapina, inclusive, baixando decreto proibindo qualquer trabalho missionário pelos sertões que não fosse de conhecimento e controle da diocese²⁷, já que consideravam as missões inconvenientes para a boa relação entre o pastor e seu rebanho. Foi por conta desse decreto que o padre Ibiapina, para evitar mais problemas e a pedido do bispo, deixou a região do Cariri e foi para a Paraíba onde deu continuidade as suas missões. No entanto, mesmo deixando as casas de caridade (4 ao todo) sob controle episcopal e pedindo aos seus seguidores submissão total ao bispo, deixou admiradores entre o clero local e entre as beatas por conta de suas práticas e sua dedicação ao povo sertanejo. Esse mesmo povo “formado” nas práticas do Padre Ibiapina vai ter um papel fundamental na história do milagre de Juazeiro.

Segundo os principais estudiosos da história de Juazeiro e do fenômeno religioso trabalhados ao longo do texto deste capítulo (Bezerra de Menezes, Ralph Della Cava e Eduardo Hoornaert) é muito difícil encontrar fontes confiáveis que dê conta da vida do Padre Cícero entre sua chegada a Juazeiro em 1872 até o milagre de 1889. Existe uma fragilidade histórica percebidos pelos estudiosos, percepções contraditórias sobre os fatos, ausência de documentação, ou seja, praticamente tudo que se sabe sobre esse período foi construído por narrativas orais feitas mais à base de especulação e ficção do que propriamente de uma fonte confiável. Na maioria dos textos que retratam essa época, existe a construção de uma representação do jovem sacerdote voltada para um caráter virtuoso, devoto, humilde e desprezado que ajudaram na construção do mito antes mesmo do milagre.

²⁷ Nos livros citados de Eduardo Hoornaert e no de Ralph Della Cava essa questão é densamente trabalhada.

1.7 O milagre (ato I)

A trajetória da história religiosa passou a percorrer outros caminhos dando uma nova coloração ao fenômeno histórico aqui analisado, quando no dia 1 de março de 1889, a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo (colocar nota dizendo o que significa beata) uma das várias devotas que se encontravam na Igreja para acompanhar os rituais em torno do Sagrado Coração de Jesus, que era feito todas as sextas-feiras do mês tomou a Comunhão e, passado um breve momento, caiu no chão com a hóstia vermelha cor de sangue.

O fato se repetiu todas as quartas-feiras e sextas-feiras da quaresma e depois diariamente por 47 dias seguidos entre o domingo da paixão e a festa de ascensão do senhor. No entanto, esse fato só ganhou um caráter oficial quando no dia 7 de julho de 1889, o reitor do seminário do Crato Monsenhor Monteiro, organizou uma romaria dessa cidade para Juazeiro. Chegando à Igreja, monsenhor Monteiro subiu ao púlpito e diante da massa exibiu os panos manchados de sangue, o sangue que tinha saído da hóstia recebida pela beata Maria de Araújo e que se dizia ser o sangue do próprio Jesus Cristo. Segundo Forti:

Todos os que escreveram sobre o movimento sócio-religioso de Juazeiro colocam como seu *fato fundador* exatamente este fenômeno fora do comum. Por ele e a partir dele deu-se início as grandes romarias para a “cidade santa”, onde Jesus Cristo estava, de novo, derramando seu sangue para a salvação dos pecadores. Levas e levadas de nordestinos acorriam para a cidade em busca das bênçãos prometidas por Deus. Todos queriam ver a hóstia sangrar e a “santa”, por intermédio de quem o fenômeno se dava. E ao padre, que também era considerado santo e que prometia, a quem se convertesse, trabalho e uma vida melhor. Havia, de novo, esperança no sertão. (FORTI, 1999: 18).

Esse fato pode ser considerado uma reterritorialização (puxar nota explicando esse conceito) para o então insignificante arraial de Juazeiro e seus 2 mil moradores, já que a partir desse momento o dito milagre não estivesse mais restrito aos moradores da cidade, mas agora era do povo romeiro que brotava de todos os recantos dos sertões que levados pela história do

milagre e pela esperança de um mundo melhor migraram em massa para Juazeiro, dando início a construção da Meca nordestina.

1.8 A reação da Diocese (ato II)

Porém, o fato não foi recebido com a mesma alegria pela diocese de Fortaleza que só tomou conhecimento do caso oito meses após a ocorrência da primeira transformação da hóstia em sangue. Além disso, pela própria forma como a diocese tinha tratado o “caso Ibiapina”, poderia se esperar uma reação violenta, posto que a orientação fosse para liquidar com qualquer espécie de conduta diferenciada dos cânones romanos e que também colocasse a autoridade episcopal em jogo.

Assim sendo, em um primeiro momento, o milagre de 1889 não teve muita publicidade ficando restrito às cercanias de Juazeiro e do Crato. Porém na Semana Santa de 1891, dois anos após o primeiro milagre os relatos chegam a Fortaleza por meio da imprensa, desencadeando um potencial cisma dentro das fileiras do catolicismo nordestino. No entanto, nesse período de dois anos, a diocese de Fortaleza tinha tomado conhecimento do milagre e vinha tratando sigilosamente a questão, apesar de Dom Joaquim (novo bispo desde 1883) ter repreendido o Padre Cícero, o tom de sua crítica era ameno, pedindo um relatório pormenorizado do caso ocorrido e proibindo-o de pregar ou falar em público sobre o milagre.

O relatório feito pelo Padre Cícero demonstrava o fervor religioso que tinha tomado conta de Juazeiro. Relatava a situação anterior ao milagre, ou seja, um povo massacrado pela seca promovendo orações públicas, novenas, procissões e outros atos de devoção. Pedindo a Deus e ao Sagrado Coração de Jesus um fim aquela situação. Foi nessa atmosfera de grande devoção que ocorreu o milagre que veio potencializar ainda mais a religiosidade daquele povo. O que não ficou claro a Dom Joaquim era a origem do sangue, especulava-se, se este líquido provinha da boca da beata ou de um sangramento interno motivado por uma tuberculose (os tuberculosos costumam cuspir sangue) ou se realmente tratava-se de um milagre do sangue ser proveniente da hóstia. Muitos questionamentos foram assimilados popularmente, tratava-se de um milagre, de um engano ou de uma farsa?

A partir desse relatório, Dom Joaquim proibiu o Padre Cícero de qualificar o fato como um milagre e o proibiu de exhibir os panos manchados de sangue no altar como prova. Porém, não impediu que os outros padres se referissem aos fatos que tinham presenciado

publicamente, inclusive, incentivou-os a se cercarem de testemunhas em ocorrências futuras e agissem conforme o direito canônico para salvaguardar a legitimidade do milagre.

A sociologização desses eventos remete a um diálogo com Weber, com sua sociologia compreensiva e com os tipos ideais de dominação. Como fundamento metodológico a idéia de sentido é de fundamental importância para compreendermos a realidade histórica dos fatos. Nesta idéia de sentido estão presentes componentes compreensíveis e não compreensíveis e, na maioria das vezes, estão misturados e se relacionam entre si. Como diz Weber o tipo ideal é utópico, ele é apenas para aproximar e desaproximar da realidade estudada. O que se quer com isso é alcançar a evidência da compreensão que pode ser de caráter racional, emocional, conectados ou não.

O fenômeno religioso estudado é atravessado por componentes de dominação carismática e dominação tradicional. Observei um forte apelo do mundo dos afetos que nos remete a dominação carismática, mas também testemunhos históricos da ordem das articulações políticas do mundo religioso e do mundo civil que nos remete a dominação tradicional. Com isso, pude perceber que essas duas instâncias o poder carismático e o poder tradicional são porosos, se conectam produzindo assim tensões percebidas nesse campo social. O sacerdócio de Pe. Cícero é um exemplo do amálgama dessas forças que lhe pode garantir através do sagrado a sua soberania, alçando-o a um lugar mítico no universo religioso estudado.

1.9 A investigação do milagre (ato III)

Entre janeiro e março de 1890, Dom Joaquim pediu que o Padre Cícero transferisse Maria de Araújo para a Casa de Caridade do Crato. O que o Bispo desejava compreender era se os fatos ocorridos em Juazeiro se repetiriam sob orientação espiritual de outro Padre e na ausência do Padre Cícero.

Por volta de junho, a pedido da mãe da beata, foi solicitada a revogação da ordem do bispo. Este fato seria decisivo na formação de uma opinião contrária ao milagre e na responsabilidade do Padre Cícero por tudo que estava acontecendo. A partir deste momento caberia ao Padre Cícero provar ao Bispo que o que tinha ocorrido era um milagre. Entre junho de 1890 e maio de 1891 não houve mais troca de notícias entre o bispo do Ceará e seus subalternos em Juazeiro.

Durante esse silêncio oficial a notícia do milagre continuava ganhando força em Juazeiro, onde era comentado sem que se qualificasse de miraculoso. dando início a uma

tradição de romeiros que iam à cidade, esfregavam um talismã ou pedaço de pano na redoma que se guardavam os panos ensangüentados da boca de Maria de Araújo e que se cria ser do próprio Cristo. Refiro-me a isto como um dado etnográfico sobre uma forma de apropriação que os romeiros “espontaneamente” passaram a praticar. Segundo Della Cava, ao contrário do que comumente se diz, a história do milagre de Juazeiro não foi patrocinado pelas camadas mais humildes, mas sim por padres e grandes proprietários da região que empenharam seu nome e seu capital simbólico na divulgação e legitimação dos fatos ocorridos em Juazeiro porque acreditavam piamente nisto.

1.10 A divulgação do milagre (ato IV)

Em 24 de abril de 1891, o jornal *Cearense* de Fortaleza publica um relato feito por uma testemunha ocular do milagre. O autor do relato era o Dr. Marcos Rodrigues de Madeira, um ex-deputado, médico da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, homem assumidamente descrente e que gozava de grande crédito entre a comunidade científica. O doutor explicou que esteve em Juazeiro para acompanhar as solenidades da semana santa e no dia 25 de março de 1891, diante de outros cinco padres, acompanhou a transformação da hóstia em sangue e concluiu que Maria de Araújo não estava doente e justificou o fato como sendo de ordem sobrenatural não sendo possível uma explicação científica para o milagre.

Diante da enorme repercussão que o caso teve entre a população católica de Fortaleza e nos demais lugares onde a notícia chegou, Dom Joaquim teve que se posicionar e explicar o que ocorria em Juazeiro. O seu primeiro ato foi ordenar a vinda do Padre Cícero com urgência a Fortaleza, já que não era mais possível controlar os atos ocorridos ali à distância. Pois, neste momento, romarias vindas dos estados vizinhos de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, capitaneadas por padres vinham ver *in loco* aquilo que se espalhava rapidamente pelos sertões.

Um outro médico de nome Ildefonso Correia Lima e o farmacêutico Joaquim Secundo Chaves examinaram Maria de Araújo e também deram parecer favorável ao fato como milagre. O primeiro disse que a transformação se devia a algum fator externo, provavelmente, Deus. Já o segundo trouxe um dado novo que alegava que Maria de Araújo era estigmatizada, portanto, tinha as chagas de Cristo no corpo o que seria a seu ver mais uma prova da origem divina da transformação da hóstia.

Estas declarações se espalharam por contaminação em todos os grandes periódicos seculares e religiosos da época. Até que uma publicação feita na tipografia *Vanguarda* do

Crato intitulada “*Os milagres do Joaseiro ou Nosso Senhor Jesus Cristo Manifestando Sua Presença Real no Divino e Adorável Sacramento da Eucaristia*” agravou ainda mais a questão religiosa. Além da publicação não conter licença eclesiástica, havia no seu conteúdo teses de grande ousadia em defesa do milagre.

A primeira das teses dizia que as hóstias tinham se tornado sangue de Jesus Cristo. Isto ia de encontro com o dogma da primeira redenção. Ou seja, esse segundo derramamento de sangue era o testemunho de uma segunda redenção o que não poderia ser aceito pelos dogmas católicos que defendiam que a redenção só ocorreu e poderia ocorrer uma única vez. A segunda tese dizia que o evento era o anúncio do apocalipse, no qual todos seriam chamados e poucos seriam escolhidos.

Estas declarações contidas no panfleto e tidas como inovadoras pela doutrina canônica, espalharam-se de forma incontrolável pelos sertões ganhando adeptos. A primeira tese era sustentada por elementos provenientes do clero e do laicato mais instruído, enquanto a segunda tese encontrou ressonância entre a massa analfabeta e mais supersticiosa. O fato é que a combinação das duas teses fornecia elementos para um potencial cisma dentro da Igreja nordestina.

1.11- Desobediência e castigo (Ato V)

Respondendo ao chamado do bispo, desembarca em Fortaleza o Padre Cícero que imediatamente segue ao Paço Episcopal para o inquérito formal sobre o milagre em Juazeiro. Após o inquérito, o bispo chega à conclusão que a transformação da hóstia em sangue não era e nem poderia ser o sangue de Cristo. Mandou de imediato recolher os panos manchados de sangue que eram venerados pelos romeiros. E, por fim, anunciou uma Comissão Episcopal de Inquérito para investigar os fatos extraordinários ocorridos nesta cidade.

A Comissão era composta por dois padres da confiança de Dom Joaquim, eram eles: Padre Clycério da Costa Lobo e Padre Ferreira Antero. Depois de três dias recolhidos para orações, deram início ao inquérito a partir de dois métodos: o primeiro era testemunhar, na ausência do Padre Cícero, a transformação da hóstia em sangue; já o segundo compunham de entrevistas com padres, beatas, civis, além de 22 pessoas que disseram ter sido curadas pela devoção aos panos encarnados do sangue de Cristo.

Em 13 de outubro, o Padre Clycério deu por encerrado o inquérito. Voltando a Fortaleza submeteu suas conclusões a Dom Joaquim e para surpresa deste se colocou favorável ao milagre. Primeiro concluiu pelo bom estado de saúde de Maria de Araújo,

atestou também que esta era portadora das chagas de Cristo desde 1885 o que a seu ver seria um sinal da santidade. Presenciou por seis vezes a transformação da hóstia em sangue e em nenhuma delas o Padre Cícero estava presente.

Setores da Igreja, no entanto, mesmo com as conclusões favoráveis ao milagre, defendiam a destruição total do caso de Juazeiro. Achavam que Dom Joaquim tinha sido muito tolerante e defendiam decisões enérgicas para com os envolvidos, entre elas: suspender os padres envolvidos, queimar provas, remover Maria de Araújo do convívio humano, proibir fofocas e, ainda, submeter todo o processo a Roma. É por essa época que começam os relatos dos milagres em Juazeiro: aleijados que voltam a andar, cegos que voltam a enxergar, doentes que se curam, enfim, é um lugar que peregrinos passam a procurar em busca de paz espiritual e cura para seus males.

Uma nova investigação foi feita por Monsenhor Alexandrino de Alencar, vindo de Quixadá. Dois meses após sua chegada deu início a investigação em relação ao milagre. O seu primeiro ato foi isolar Maria de Araújo na Casa de Caridade do Crato para dar-lhe a comunhão. Repetiu por três dias seguidos o ritual e nada aconteceu, concluiu que não passavam de embuste os milagres ocorridos em Juazeiro. De imediato, Dom Joaquim sabendo da novidade mandou tirar do altar da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro a urna que continha os panos manchados de sangue. Tinha duas intenções: a primeira era acabar com o culto desenfreado aos panos, segundo promover um detalhado estudo científico do conteúdo da urna.

Além disto, privou o Padre Cícero de confessar, orientar e pregar aos fiéis, restando-lhe apenas o ofício de celebrar a missa. Contudo, mesmo com essas medidas e desacreditando os milagres por meio de documentos, não conseguiu arrefecer o processo que estava em curso em Juazeiro. Restava a Dom Joaquim um recurso que tinha evitado até então: a Congregação do Santo Ofício em Roma – a Inquisição. O que fez em maio de 1893, quando remeteu a Roma os resultados da investigação.

A cidade de Juazeiro por meio de doações de políticos, famílias tradicionais e esmolas de romeiros vindo de todos os recantos do nordeste, passou a despontar como potência econômica da região. Além disso, os sete maiores chefes políticos da região se uniram pró Padre Cícero, negando que ele representava ameaça a ordem pública. Quanto mais a Igreja perseguia o Padre Cícero e o milagre de Juazeiro, mais seu prestígio e a fama de milagreiro cresciam entre o povo.

Nos primeiros meses de 1894 saiu o relatório da Inquisição Romana declarando os fatos ocorridos em Juazeiro como de origem supersticiosa e reprovando os cultos aos panos e

outros mais que tenham sido criados dentro desse clima de fanatismo. suspendeu em abril de 1896 o Padre Cícero de todas as ordens religiosas por acreditar que este continuava a desafiar a ortodoxia católica.

Para piorar a situação eclodia em novembro de 1896 em Canudos, no interior da Bahia, um conflito entre força militares republicanas e o exército de Canudos que era formado por sertanejos e jagunços. Com a derrota do exército republicano, aumentou mais ainda a desconfiança nos episódios de Juazeiro, que agora era vista como uma possível nova Canudos e o Padre Cícero um potencial Antônio Conselheiro.

Padre Cícero, no entanto, nunca teve vocação para insurreições, sendo muito obediente a Igreja e ao Estado, tanto que nesse episódio foi defendido pelos chefes políticos, juizes de direito, chefes de polícia, que tinham no Padre Cícero um defensor da ordem e mantedor da autoridade. De outro modo, alegavam que o padre tinha saído de Juazeiro para Salgueiro obediente a ordem imposta por Roma.

Nesse momento, deu-se uma virada importante na conduta do Padre Cícero, afastado da Igreja procurou proteção na hierarquia política local. Encontrou aí uma base de apoio e jurou respeito imparcial pela ordem estabelecida. Esta atitude não só dotou as elites de confiança no movimento, como também evitou um conflito de grandes proporções como o ocorrido em Canudos.

1.12 Juazeiro, o verdadeiro milagre.

A força romeira ajudou a desenvolver o Vale do Cariri em uma velocidade assustadora. Em 1909 a população de Juazeiro já beirava os quinze mil, ou seja, cinco vezes mais do que a época do milagre. Boa parte desse povo veio em peregrinações espontâneas à cidade, mas também procuravam aí uma nova forma de sobrevivência. A maioria era de fora do Ceará, vinha romeiro da Bahia, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, mas o maior contingente veio do Estado de Alagoas, o que até hoje pode ser verificado em época de Romaria.

A antropóloga Luitgardi Oliveira Barros elabora uma reflexão síntese sobre o fenômeno Padre Cícero dizendo que:

A vida do Padre Cícero é a história de sua relação com o universo religioso no qual se formou, moldando ele próprio para si e seus seguidores, um perfil do nordestino, que se projetaria até os

nossos dias, mesmo depois do desaparecimento de muitas das estruturas sociais que engendraram a singularidade de seu mundo (LUITGARDI, 1994: 15).

Observa-se no comentário da antropóloga que através do personagem padre Cícero a religião deixa de ser um mero ritual que proporciona um pagamento dos pecados e a salvação das almas para se tornar em estatuto de vida, conduzindo e orientando cada ato, dirigindo cada gesto de trabalho para si e para os necessitados, uma forma de se agradar a Deus vivendo na Terra o evangelho e diretrizes para a construção de uma vida prática na concepção do mundo do catolicismo popular, baseado principalmente nos ensinamentos e na vida de Ibiapina. Toda essa historicidade religiosa foi fundamental para que Juazeiro se tornasse um centro de romaria, de romeiros e de pagadores de promessas.

Capítulo 2: a romaria e seus personagens

2.1 A romaria e seus sentidos históricos e sociais

O que significa o termo romaria? É uma prática religiosa? É um acontecimento? O meu lugar na tentativa de responder essas questões não está circunscrita a uma vivência religiosa íntima e restauradora, mas sim enquanto um observador e pesquisador interessado em adensar uma etnografia. Segundo o dicionário Houaiss, costuma-se definir romaria: “1- viagem ou peregrinação religiosa a um santuário, 2-visita a local digno de veneração, de recordação sentimental etc, 3-conjunto de devotos que participam dessa viagem ou visita, 4-festa popular que é celebrada em local próximo a alguma ermida ou santuário no dia da festividade religiosa do lugar, geralmente com danças, parques de diversão, comidas, comércio; arraial, 5-conjunto de pessoas que afluem a um lugar, que passeiam, 6-extenso agrupamento de pessoas; multidão”. Segundo Menezes²⁸, Romaria é um termo de origem provençal *romanges*, no passado século XVIII dizia-se *romerias*²⁹. Esta palavra comumente usada em português designa os fenômenos das peregrinações. Por certo é o vernáculo, a única das línguas mais conhecidas que preservou esse vocábulo *romeria*: uma peregrinação de sentido cuja etimologia denuncia o predomínio da capital do antigo império romano, desde que o cristianismo deixou de ser uma religião dos pobres e se transferiu para esse centro do poder.

Foram os portugueses que introduziram a romaria no Brasil, não consta que índios e africanos produzissem essa prática religiosa. As romarias incorporam também uma estética de festa, de felicidade, de reencontro, de acerto de dívidas com o santo, motivo de muita alegria para os que a realizam.

As romarias ou peregrinações apresentam também características específicas de rituais e festas. Junto a isso apontam para dimensões com características de movimentos sociais percebidos através de uma grande quantidade de deslocamento de pessoas, em um determinado espaço geográfico. Resultando em transformações demográficas mesmo que temporária, mas muitas vezes permanentes. Por isto é um acontecimento, segundo Deleuze:

²⁸ MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. *As Romarias e o Juazeiro do Pe. Cícero. Anais do seminário 150 anos de Pe. Cícero*. Fortaleza: RCV Gráfica e Editora, 1994

²⁹ Há uma peça de Gil Vicente, intitulada *Romanges de Agravados*, representado em 1533 na cidade de Évora em homenagem ao rei Dom João II por ocasião do infante D. Felipe é interessante observar que o autor, utiliza no texto, indiferentemente, *romangem* ou *romaria*. *As Romarias de Juazeiro Apud...*

É uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos, e que estabelecem ligações, relações entre eles, através das épocas, dos sexos, dos reinos - naturezas diferentes. Por isso a única unidade do agenciamento é de co-funcionamento: é uma simbiose, ‘uma simpatia’. O que é importante não são nunca as filiações, mas as alianças e as ligas; não são os hereditários, os descendentes, mas os contágios, as epidemias, o vento. (DELEUZE, 1998: 83).

Deleuze agencia através deste conceito de *acontecimento*, possibilidades de chegar a ciclos de uma acupuntura sociocultural realizado no espaço geopolítico por personagens de um universo religioso, tais como se processam: seus fluxos, capturas, linhas de fuga e entrecruzamentos. No caso das romarias de Juazeiro do Norte a Prefeitura informou-me que ao longo dos anos a população juazeirense vem crescendo muito, tendo como um dos motivos à fixação de romeiros, segundo Menezes:

Na fenomenologia religiosa dos peregrinos, esse ato devocional atualiza, na deambulação espacial e espiritual rumo a um centro do sagrado, um tempo que é simultaneamente histórico, mítico e sobrenatural ou supra-histórico. Num ponto pelo menos não cabe nenhuma dúvida: esse fenômeno constitui um dado fundamental da antropologia religiosa. (MENEZES, 1994:10).

Ressalta este estudioso que está praticada etiquetada por diversos nomes atravessa milênios em diferentes culturas, trata-se de uma forte experiência coletiva e individual. Podem ser destacados aqui lugares sagrados e romarias em lugares como: Egito dos faraós, Grécia antiga, nos territórios de Israel, no coração do Islã, na Índia, no Tibet, na China, no Japão, nas Américas etc. Estes fatos nos remetem à dimensão arquetípica da condição de religiosidade do *humano, demasiadamente humano* e dão testemunho de uma necessidade existencial da humana condição em sua realização religiosa.

Menezes citando Alphonse Dupront³⁰ mostra como esse autor denomina o “fato peregrino”. Para ele a romaria se define como um ato global de sacralização, cumprindo um

³⁰ DUPRONT, Alphonse. Formes de la culture des masses: de la doléance politique au pèlerinage panique (XVIIIe, -XXe. Siècle, **In BERGERON, L.** (org.): Niveaux de Culture et Groupes Sociaux. Paris-La Haye: Mouton, 1971, pp. 149-170; “Pèlerinage”, **In POUPARD, P.** (dir.): **Dictionnaire des Religions**. Paris: PUF, 1984, pp. 1300-1307; “Pèlerinages et Lieux Sacrés”, **In Encyclopadia Universalis**, Paris, 1985, v. 14. Pp 166-180; Du Sacré (Croisades et pèlerinages; images et langages). Paris: Galimard, 1987.

ritual composto de: *partida* que é um ato de fé, de esperança, de busca e de quitação de dívidas, é um deslocamento espacial; a *meta* que significa chegar a um lugar santo através de um procedimento romeiro, estar presente em datas determinadas fixadas por calendário sacral³¹. “Um ritual bem estabelecido que consagra o novo estado de sacralização de quem veio se expor a prova ou ao encontro do sagrado”(MENEZES, 1994: 10). No caso de Juazeiro, podemos encontrar aí o local do romeiro e do pagador de promessas. O *retorno* é neste momento que se constata as conseqüências psicossocial do romeiro, tais como: o dever de missão cumprida, o prestígio alcançado por sua volta, a renovação dos laços com o santo, a partilha com outros membros da comunidade (no rancho, no caminhão, no ônibus, nas missas, nas procissões, na visita aos lugares sagrados) e a imensa alegria das graças espirituais adquiridas.

“...o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”³². O caminho ou a travessia da romaria do romeiro juazeirense se faz com visita aos santuários que perfaz uma cartografia tradicional e outras reinventadas dos lugares sagrados, como uma espécie de “via sacra” pessoal e coletiva que desafia os afetos religiosos dos romeiros, até atingir a finalização do percurso que pode durar vários dias. Um certo fechamento de círculo hermenêutico, onde se percebe um estado de alegria, de euforia, de reconhecimento com a cidade e com os lugares santos com os quais caminhou.

Juazeiro do Norte é para o romeiro um lugar sagrado. Este lugar se inscreve sobre seu corpo, seus processos identitários, como terra guardiã de uma memória sacral. É neste lugar que acontece o encontro com os objetos sagrados, tais como: o túmulo do Padre Cícero, a casa dos milagres, o santo sepulcro, o horto, a estátua do Padre Cícero e as imagens ícones que expressam a bordadura de uma cosmologia e de uma fé.

2.2 Tipos de romeiros:

Usarei a conceitualização weberiana como um recurso pertencente a um campo teórico-metodológico como guia analítico. O tipo ideal é usado aqui como uma bússola para orientar a conduta do cientista social no interior do campo de pesquisa, de modo que se descreva a inesgotável variedade de fenômenos da vida social. Trata-se de dar ênfase a certos traços da realidade pesquisada – no caso romeiros – para dessa forma construir um tipo mais

³¹ Calendário de romarias de Juazeiro

³² ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

puro possível, que permita caracterizar sua conduta, suas práticas e analisar as ações sociais contidas no plano das idéias sobre esse fenômeno religioso.

Os conceitos aí criados são empregados conforme a minha imersão no campo, as inúmeras tentativas de observação, compreensão e ligamentos nessa empiria pulsante. Por isso, a construção de tipos ideais parece um bom caminho para demonstrar como se dá sentido e significado a uma série de práticas que acompanhei em Juazeiro, já que a partir de conceitos mais gerais do comportamento social e das relações sociais podem-se criar conceituações mais específicas que servem igualmente para descobrir causalidades.

Segundo Weber, este conceito de tipo ideal é embasado por um método “não é uma ‘hipótese’, mas pretende apontar o caminho para a formação de hipóteses” (WEBER, 1997: 106). É impossível encontrar um tipo puro na realidade, isso seria uma utopia, porém esse recurso é um método para adquirir conhecimento e analisar um complexo de características que estão contidas enquanto “idéias” nesse mundo dos romeiros. O tipo ideal representa aquilo que na teoria seria o correto, embora na prática os tipos ideais se atravessem e constroem condutas bem diferenciadas das que se imaginou e, talvez, esteja aí nessa relação do ideal com a prática o caminho para ver as singularidades que o campo oferece. O tipo ideal não é o real, mas é um facilitador da realidade.

Por isso, à medida que ia fazendo esse campo de pesquisa, procurei observar e construir conversas possíveis para montar esta cartografia com os romeiros e, dessa forma, seguindo a orientação weberiana, fui trabalhando a construção de tipos ideais. Procurando sempre usar esse método como um recurso para fazer um *zoom* na realidade estudada, ou seja, para me aproximar e me distanciar dos romeiros com o intuito de caracterizar suas ações.

Na minha permanência de campo tive contato com vários romeiros e anotei no meu diário de campo uma grande quantidade que não se esgota, ou seja, deve ter mais. No meu campo de um ano e meio, encontrei e dialoguei com vários desses tipos e percebi que cada tipo de romeiro equivale a um tipo específico de promessa. Aqui apresento vinte e dois tipos de romeiros de ambos os sexos e de todas as idades, no entanto, repito que esses tipos são muitos e acompanham o dinamismo da cultura, aberto ao surgimento de tipos novos. A partir dos tipos ideais estou também refletindo sobre as características ontológicas dos romeiros no estilo heideggeriano³³, ou seja, no sentido abrangente do ser, mas que torna possível compreender as multiplicidades existentes aí.

³³ HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser*. São Paulo, Duas cidades, 1969.

- CÍCEROS: podemos dizer que esse primeiro tipo é o mais tradicional em todos os sentidos, pois é aquele que procura ir todos os anos a Juazeiro, principalmente, em época de romaria, mas vai em outros momentos também porque o mais importante é ir e renovar os laços com o santo e a cidade. Procura experimentar todo o aparato sagrado e profano que está no entorno de uma romaria para comparar e passar oralmente sua experiência aos outros. Orgulha-se de ter ido de pau-de-arara e de vários tipos de transporte (ônibus, moto, carro, avião, caminhando, etc). Esse é o tipo que mantém uma relação íntima com a cidade e conhece seus pontos considerados sagrados com a palma da mão. Pode-se dizer também que esse tipo é o responsável pela cartografia imaterial do local, já que conserva e transmite histórias que presenciou ou ouviu falar de pagadores de promessas ao longo das suas romarias. Sabe em detalhes a história do padre Cícero narrado pelo povo o que, diga-se de passagem, é bem diferente da construída pela história oficial, no entanto, é essa a história que prevalece e que fortalece o poder do local. Por fim, esse é aquele que chega cantando em Juazeiro, fazendo reverência ao nome do padrinho Cícero, que beija o chão, que solta fogos, que se fantasia de padre Cícero com cajado e todos os outros adereços, que corre pra acender velas, que passa o dia percorrendo os caminhos sagrados de Juazeiro, que vai à missa, que dá esmolas, que leva pedras do Horto e lascas de madeiras pra fazer remédio caseiro em sua terra de origem, que bate no peito e se orgulha de pertencer à nação romeira.
- COMERCIANTE: um tipo muito curioso de romeiro é aquele que vai a Juazeiro em devoção ou para pagar promessa, mas seu principal interesse é fazer negócios na cidade. Comercializam de tudo: rapaduras, roupas, panelas, artigos religiosos, cds, brinquedos, lembrancinhas, tecidos, confecção, chapéus, improvisa restaurante ao longo da rua, retratos de santos emoldurados, fogos de artifícios, calçados etc. Permanece na cidade por todo o período de romarias buscando lucrar com os devires da fé. Há um outro tipo de comerciante que vai de carona no pau-de-arara para comprar ou trocar artigos diversos para revender na sua cidade de origem.
- TURISTA: Esse tipo de romeiro, atualmente, é muito comum em Juazeiro e também muito desejado pelas autoridades locais que querem ver funcionar na cidade uma religiosidade mais racional, nos moldes dos grandes centros de peregrinação mundial. Ou seja, uma devoção mais controlada, que gere mais renda

para a cidade, que organize os espaços públicos de forma racional e que, portanto, ajude a mudar a imagem da cidade de centro místico, tomado por miseráveis, pedintes, para uma imagem diferenciada que não tem só a história do Padre Cícero e seu aparelho religioso como referência, mas também o resto da cidade e a região do Cariri. Ou melhor, um tipo de romeiro que não está só interessado nas narrativas em torno do Padre Cícero, mas sim interessado em conhecer e, principalmente, gerar renda para outros equipamentos da cidade, tais como: *shopping centers*, restaurantes, parques, museus, cidades circunvizinhas etc. Enfim, um público que vai para construir uma outra imagem da região, diferenciada do que se comumente conhece.

- FARRISTA: Esse é um tipo que não falta em romaria nenhuma. É aquele sujeito que está “encostado” pela cidade, que é chegado a uma boa farra e, de repente, aparece uma vaga, ou melhor, uma carona para conhecer a terra do meu *padim*. Às vezes, o sujeito até diz na sua comunidade que vai pagar promessa, que precisa entregar um ex-voto, pedir uma graça, no entanto, quando chega a Juazeiro se perde no forró que fica ali na praça da matriz, um pouco atrás da parte dita sagrada. Muitas vezes, esse tipo chega ao rancho tomado de cachaça e fazendo arruaça. É um tipo bem comum e que está presente em quase todos os grupos que vão a Juazeiro, já que às vezes não vai de carona, mas sim rebocado por algum familiar que tenta a travessia para converter o indivíduo aos bons preceitos cristãos. Esse tipo é também apreciador da zona de baixo meretrício, acontece de ter “romeiro” mais experiente na cidade, levar os novatos para conhecer esse outro lado da romaria.
- ANUAL: esse tipo de romeiro deixa de fazer qualquer coisa, porém faz todo tipo de sacrifício para ir todo ano a Juazeiro. É uma obrigação, ou pelo menos, é assim que ele significa esse ato e, portanto, vai fazer de tudo para concretizar sua ação. Faz uma horta só para garantir sua ida, vai de carona, pede dinheiro emprestado, poupa suas poucas economias, faz sacrifício, vai sem dinheiro e sem ter onde ficar, mas não deixa de ir. Faz questão de ir todos os anos e se orgulha disso. Tem sentimento de pertença e conta com os bons olhos do santo tanto para ir quanto para voltar. Esse é um dos tipos mais corajosos e dos mais importantes porque são esses que ajudam a fazer e desfazer a cara de Juazeiro todos os anos, pois comparam e contam histórias de um tempo que na aparência é linear, embora na prática sejam testemunhas do tempo e da paisagem que passou e se modificou

lentamente. Encontrei com vários durante meu campo e sempre conversava das diferenças e semelhanças de um ano para o outro.

- PAIDÉIA: Esse é um dos tipos mais recorrentes, ou melhor, diria que esse tipo é o tipo matriz não só dos demais tipos de romeiros, mas também aquele que é responsável por narrar à história do padre Cícero e de Juazeiro à maneira romeira e não como a Instituição prega³⁴. É deste tipo que se vê o fenômeno de contaminação da religiosidade passada de pai para filho, de avó para neta, de irmão para irmão, pois a lógica aqui é introduzir uma pessoa leiga na religiosidade local, socializando-o por meio de exemplos, mostrando a paisagem, inspirando-se na história de outros pagadores de promessas, tomando como exemplo uma maneira de garantir estratégias de sobrevivência em um mundo permeado por muita miséria e desamparo social. Aqui um espaço como a casa dos milagres se transforma em quadros da realidade, permeando vidas, corpos, inspirações e exemplos para o romeiro na sua conduta de vida, na construção de esperança e também na sua relação de fé com o mundo. Pode-se dizer que esse tipo é dos mais comuns e mesmo base para toda uma produção de religiosidade muito própria.
- ÉTNICO: o tipo que chamo de étnico não só é um tipo comum em Juazeiro, mas também é um tipo que trás um colorido diferenciado a essa produção de religiosidade. Foi por meio deste tipo que passei a enxergar Juazeiro como uma produção de religiosidade realmente múltipla e diferenciada de tudo que já tinha visto anteriormente em outros centros de manifestação religiosa como Canindé, por exemplo. Aqui podemos ver índios de diferentes locais do nordeste cearense, tais como: Jenipapo-Kanindé, Kalankó, Kariri, Pankararu, Pankaru, Fulni-ô, Xukuru, que reivindicam pagar ou cumprir com suas “obrigações” para com o santo. Além dos índios, pude ver ciganos vindos de Sobral (região norte do Estado do Ceará) que também iam para pagar promessas ou mesmo reforçar seus laços sagrados com Juazeiro e o Padre Cícero. De modo que, essa religiosidade também atravessa a questão da etnia se constituindo em um componente a mais de amálgama na sua constituição sociocultural.

³⁴ JAEGER, Werner Wilhelm. Paidéia: a formação do homem grego. 4 edição. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. Uso a questão da Paidéia como alegoria do que pude constatar em Juazeiro do Norte. Obviamente, não quero reproduzir em Juazeiro a experiência grega de educação e formação dos indivíduos, no entanto, podem-se perceber semelhanças em alguns aspectos, tais como: os exemplos de graças alcançadas, o íntimo laço entre o humano e o divino e, principalmente, a construção de uma “etiqueta da promessa” entre o “santo” e o pagador de promessas.

- LINHAS CRUZADAS: o tipo que chamo aqui de “linhas cruzadas” é um tipo muito interessante para se pensar como se constitui a religiosidade brasileira e, em especial, a de Juazeiro do Norte. Já que, constitui-se por praticantes de outras religiões, porém não abre mão da devoção ao padre Cícero. Um tipo de devoção diferente que aprendeu com alguém de sua confiança e de seu espaço de socialização. Podemos colocar dentro desse quadro: espíritas, protestantes, evangélicos, praticantes de religiões afro-brasileiras (umbanda, candomblé, catimbozeiros etc). O interessante aqui é observar como uma linha maior (padre Cícero) atravessa essas outras, dotando-as de novos significados e de novos sentidos essa relação com a fé. Chamo, portanto, de linhas cruzadas essa religiosidade que não é pura, mas sim misturada e permeada de uma produção incessante de novos poros.
- PÁRIAS: o tipo “parias” são os desvalidos, a população refugio³⁵, aqueles que são invisíveis socialmente e que ganham visibilidade na romaria por meio do ato de esmolar, da prática de assaltos, colocando a venda seu corpo, pedindo remédios para algum tipo de problema de saúde mental. Enfim, são aqueles que ganham visibilidade na tragédia do social e que vêm na caridade do romeiro, no caso de pedintes, uma forma de diminuir paliativamente sua exclusão social. Refiro-me aqui a: pedintes, assaltantes, deficientes mentais, prostitutas, travestis, crianças de rua, mendigos, assassinos, pistoleiros e outros.
- ARTISTAS: o tipo artista é aquele que vai a Juazeiro em romaria e aproveita a passagem para mostrar seu trabalho, tirando seu sustento aí por meio das doações de romeiros. Em época de romaria a Praça Padre Cícero concentra a maior parte destes artistas, no entanto, eles se dividem por outras partes da cidade também. A maioria dos artistas é do próprio Juazeiro, mas também existem outros que vem com romeiros de diferentes locais, que divulgam sua arte, refiro-me a: cordelistas, santeiros, artistas de circo, xilogravadores, bandas cabaçais, músicos, repentistas, artistas plásticos, maneiros paus, reisados, teatro de rua etc. Estes artistas ajudam na bordadura de um colorido diferenciado, já que podemos vê-los dentro de procissões, das igrejas, no Horto, no Santo Sepulcro, ou seja, por toda parte do equipamento religioso dando um tom alegre e colorido para essa festa religiosa.
- PÃO E CIRCO: chamo de tipo “pão e circo” aquele que aproveita a romaria como palanque para fazer campanha política. Podemos colocar aí políticos que fretam

³⁵ Baumann, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ônibus para levar seus eleitores para Juazeiro, assim como os que patrocinam abrigo para romeiros, dão alimentos ou dão dinheiro para se comprar lembranças na romaria. Estes citados são os de menor capital econômico e simbólico porque tem um outro tipo mais forte na tradição e de maior poder econômico que patrocina procissões e transformam um ato de fé em comício, no qual os poderes religiosos e políticos se fundem em uma intensa troca de favores. Este tipo é muito recorrente nos anos de eleição, inclusive, aumentando o rendimento da cidade. Uma coisa curiosa dita a mim pelos donos de ranchos para romeiros é que o ano verdadeiramente bom é aquele em que a eleição é para prefeito e vereador, já que a demanda de romeiros é bem superior aos dos demais anos. Em ano de eleição pode ser visto por toda a estátua do Padre Cícero cartazes pregados com fotos de candidatos, assim como se vê cartazes, santinhos, camisetas e outros adereços políticos no museu vivo entre as peças de ex-votos. Dentro das procissões há uma intensa distribuição de santinhos, romeiros vestidos com camisetas de candidatos, faixas e telões estrategicamente colocados para ligar o candidato à figura do Padre Cícero.

- EXTREMISTA: o tipo “extremista” é aquele que mesmo depois de passar uma vida toda se deslocando em romaria para Juazeiro não se contenta em partir para “outra vida” sem virar ex-voto e passar o resto dos dias em Juazeiro. Refiro-me aos casos de romeiros que como último pedido pediram para ter suas cinzas jogadas no Horto ou que suas cinzas ficassem como parte do acervo de ex-votos do Museu Vivo do Horto. Ou seja, é uma forma de eternizar sua conduta feita em vida e deixar como história, mesmo que folclórica, para a imaginação e interpretação de uma geração de romeiros por vir.
- TRADIÇÃO: o tipo que chamo aqui de “tradição” é aquele que veio como romeiro e se instalou na cidade. Em seqüência constrói uma relação histórica, entre os moradores da cidade e entre os romeiros que vem de todas as partes, como devotos do Padre Cícero e se aperfeiçoam no tempo e no espaço tirando seu sustento da devoção ao Padre Cícero. Existe aqui desde o tipo mais “inofensivo” que faz caridade e dá apoio de todas as formas aos romeiros e em troca é referenciado como uma pessoa autorizada a falar “em nome” do Padre Cícero. Assim como, existe um outro tipo que faz uso disto para aperfeiçoar mecanismos políticos, inclusive, reconstruindo relações históricas entre a sua família e o Padre Cícero, ou seja, de adversários políticos em vida do milagreiro passam por mágica a aliados

no presente. É difícil encontrar por Juazeiro alguma família das ditas “importantes” que não tiveram no passado ou tem no presente algum tipo de aliança com tudo aquilo que é produzido em torno da figura do Padre Cícero. Desta forma, pode-se ver na figura da aliança com o Padre Cícero um caminho seguro para manter relações políticas, econômicas e afetivas com os romeiros.

- CRIANÇAS: o tipo “crianças” é o símbolo da renovação dessa fé por um lado e de tipo “paidéia” por outro. Muitas são levadas pelos pais ou por parentes que fazem promessas para as crianças pagarem, seja por algum tipo de problema seja por desejo de vê-los inseridos nesse mundo religioso. Muitas vão vestidas de Padre Cícero ou São Francisco, outras de anjo, o fato é que desde pequeno vão se habituando a ir a Juazeiro e ao mundo dos Cíceros.
- PROFISSIONAIS LIBERAIS: o tipo “profissional liberal” pode ser encontrado em um número relativamente grande na casa dos milagres, pois na sua maioria são médicos e advogados que vão agradecer primeiramente sua formação e depois o crescimento em suas profissões. Na “casa dos milagres” e no “museu vivo” pode ser visto verdadeiros painéis com fotos, cartas, diplomas, certificados, tocando nessas profissões. É interessante ver a reação dos romeiros ao passar por esses painéis, pois estas profissionais historicamente carregam um grande peso simbólico na nossa sociedade. Um outro dado que pude observar é que entre os pedidos para passar no vestibular essas duas profissões são as mais solicitadas.
- MILITARES: o tipo “militar” tem também um grande peso entre os romeiros que vão agradecer ao Padre Cícero sua incorporação por alguma instituição militar. Há painéis dedicados a eles tanto no “museu vivo” como na “casa dos milagres”, no qual podemos ver fotos de policiais, militares da marinha, exercito e aeronáutica, bombeiros, guardas florestais, além de fardas, coturnos e quepes das respectivas congregações militares.
- SOLITÁRIO: o tipo que chamo de “solitário” não é muito comum, pois a grande maioria vai em grupo, no entanto, pode ser visto este tipo solitário que na maioria dos casos é um curioso que vai a Juazeiro com o objetivo de ver com sua própria ótica a devoção ao Padre Cícero. Dentro deste tipo encontrei pessoas de formação mais “elevadas” como mestres e doutores que me confessaram ter vergonha de assumir a devoção ao Padre Cícero e a cidade de Juazeiro entre seus pares, por isso a opção de ir sozinho.

- GRUPOS: o tipo que só vai de “grupos” é o mais comum, é aquele que só vai de “magote”. São grupos que vem de toda parte e rivalizam com outros grupos no quesito quem tem mais fé, quem tem o pau de arara mais enfeitado, quem constrói a faixa em homenagem ao Padre Cícero mais bonita, quem tem o altar de proteção do ônibus ou do pau de arara melhor confeccionado, o grupo mais antigo, o grupo que vai a toda romaria, o grupo que vai de bicicleta, o grupo que vai a pé, o grupo que vai de avião, o grupo que leva artistas de sua terra pra rivalizar com outro grupo, enfim, esses grupos têm em comum o sentido de pertença e o orgulho de serem devotos do Padre Cícero.
- PORTANDO O OBJETO DO TESTEMUNHO DE SUA FÉ: esse tipo é um dos mais passionais, pois pode chegar ao extremo na sua produção de fé. Esse tipo gosta de imprimir sua marca aos outros. É do tipo inesquecível para os outros romeiros pela forte imagem que representam. Aparecem carregando cruz, algumas pequenas, mas a sua maioria grande e pesada, outros carregam pedra na cabeça e percorrem todo o percurso religioso de Juazeiro só abandonando as pedras no “Santo Sepulcro”, outros carregam ex-votos e tem aqueles que carregam as mazelas do corpo como testemunho de sua fé. É um tipo que não passa despercebido pela maioria das pessoas.
- DOADORES: o tipo “doador” é muito recorrente e arrisco a dizer que é dos mais tradicionais, pois observei que dificilmente um romeiro não trás algo para doar em Juazeiro como parte da sua prática de pagar promessas. Doa-se dinheiro, roupas, comida, remédios etc. Faz parte da cultura do romeiro doar algo seu, mesmo que seja pouco dado seus poucos recursos. Observei também que entre as pessoas que vivem de esmolas as grandes romarias são esperadas com grande ansiedade porque tiram muitas vezes dos romeiros doadores sua sobrevivência por mais de um mês, entre dinheiro e comidas doadas. Vale observar, no entanto, que a Igreja tem combatido esse tipo de prática tanto entre os romeiros quanto entre os que vivem dessas doações. Pois existe uma preocupação tanto do poder público como das autoridades eclesásticas de mudar a imagem e a prática de Juazeiro para uma fé mais racionalizada no sentido do capital.
- MULTIMÍDIA: o tipo “multimídia” é aquele que mistura vários desejos ao mesmo tempo, ou seja, vai pra comercializar, para pagar promessas, para fazer turismo, para rever amigos na cidade, enfim, direciona sua visita para várias atividades de uma só feita.

- RICO: o tipo “rico” é um tipo novo, não no sentido que antes não existia, mas é um tipo que antes não assumia essa devoção de forma tão explícita como se vê agora. Afinal se o indivíduo não fosse residente em Juazeiro por que assumir uma devoção a um santo popular? No entanto, o que se vê é um “aumento” desse tipo de devoto que vai de avião a Juazeiro peregrinar e tratar de negócios.

2.3 Percurso metodológico para a promessa.

O que é uma promessa? Do que ela se constitui? Quais seus personagens? Passei todo meu campo refletindo e exercitando esta difícil penetração num labirinto. Às vezes, com fio de ariadne outras não, atitude comum de um pesquisador que busca controlar suas observações. Na expressão romeira “é um choro em ranger de dentes” ou “mesmo que caminhe pelo desfiladeiro escuro não temerei mal algum, pois junto a mim teu bastão e teu cajado são meu apoio e meu consolo”. Estas duas evocações de orações me remetem de certa forma, a insegurança, o questionamento, a dúvida, mas também o desejo de acertar, de compreender, fazer significar através de opções metodológicas e teóricas o sentido destas práticas. Estas indagações metodológicas me fizeram lembrar Silva analisando Geertz:

...Geertz procurou ver a cultura como um texto, uma tessitura de significados, elaborados socialmente pelos homens, e sua exegese, o ofício da antropologia. A interpretação antropológica configuraria, assim, uma leitura de segunda ou terceira mão feita “por sob os ombros do nativo” que faz a leitura de primeira mão de sua cultura. (SILVA, 2000: 14).

Silva comentando sobre este antropólogo americano pergunta:

...de que modo as condições de coleta dos dados de campo, ao envolver dimensões como a intersubjetividade e as relações de poder estabelecidas entre antropólogo e grupo estudado, afetam as interpretações produzidas e são referidas no próprio texto etnográfico – a descrição? (Id. Ibidem, 2000: 14).

Como comentei acima, parafraseando orações que servem de metáforas para indicar as dificuldades de uma encruzilhada de uma pesquisa, as relações sujeito-objeto apresentam certas dificuldades porque representar o outro em uma pesquisa etnográfica pode levar ao risco de um certo equívoco em suas interpretações e descrições. Isto devido a esta fricção entre o eu e o outro, a intersubjetividade correndo o risco de comprometer a alteridade.

2.4 Dádiva

No sentido geral, a dádiva significa ato ou efeito de dar espontaneamente algo de valor material ou não a alguém: presente, oferta, mimo, brinde. Isto é tudo aquilo que é objeto de uma doação espontânea. Nos sertões que percorri ouvi discursos que me remetem a esse tom de espontaneidade, por exemplo: “foi Deus quem quis”, “foi presente de Deus, louvado seja Deus pelo que aconteceu”, “Deus tira e dá”, “ele sabe exatamente do que necessitamos”, “se Deus quiser esse ano vai chover”, “louvado seja meu padrinho por esta graça alcançando”, “meu padim sempre esteve presente e nunca me deixou faltar nada”, “rezo todo dia para que Nossa Senhora das Dores se apiede de mim e abraque meu sofrer frente minhas dificuldades materiais”, poderia ficar aqui enumerando uma grande quantidade desses discursos.

Para as ciências sociais, no entanto, o sentido do conceito de *dádiva* não é tão simples assim, pois essa aparente espontaneidade é permeada por regras, situações, etiquetas, da complexidade das sociabilidades humanas. Estudiosos como Marcel Mauss e Pierre Bourdieu, analisaram com profundidade o conceito de dádiva. O primeiro sistematizou teórica e metodologicamente este conceito e, posteriormente, Bourdieu sobre a influência de Mauss, reinterpretou este conceito dando-lhe o nome de economia das trocas simbólicas.

Para Mauss a dádiva sempre se apresenta ritualizada e sobre a forma de uma mistura complexa de interesses e desinteresses. Pergunta ele: “qual a razão que uma pessoa que dar não é capaz de satisfazer seu interesse próprio a não ser pelo rodeio da satisfação do interesse do outro” (Caillé, 08). Segundo este autor, esta prática societal é ao mesmo tempo “livre e obrigatório”, e que o pesquisador deve capturar neste processo a importância do saber *dar*, levando em consideração esta polaridade da liberdade e da obrigatoriedade. É neste momento, que esta prática abrange uma dimensão metafísica através de um enraizamento sociológico. Para Mauss, “A tríplice obrigação de dar, receber e retribuir para o autor constitui o universal sócio-antropológico sob o qual foram constituídas as sociedades antigas e tradicionais” (09).

Pude perceber que o pagador de promessas, mesmo imerso numa sociedade globalizada, reterritorializa de certa forma rituais de sociedades tradicionais. O universo da

promessa geralmente segue a lógica de pedir a graça, receber a graça e retribuí-la. O compromisso oral ou escrito da promessa é mediado por um ato de contrair uma obrigação com o santo. Este percurso é constituído por etapas não de uma forma tão linear, mas de um movimento de dobras e redobras que me levou a perceber um mundo ritualístico desta prática como um grande rizoma. Mais a frente elenco vinte e dois tipos de pagadores de promessas usando o conceito de tipo ideal, mas o que me interessa agora é descrever como se processa os movimentos de “fazer a promessa”.

Das inúmeras narrativas que capturei no campo sobre fazer promessa e pagar promessa, conduziu-me as seguintes observações: quem faz a promessa é uma pessoa que passa por uma extrema aflição da ordem do econômico, moral e de problemas de saúde, constituindo-se assim nos três grandes blocos dessa aflição. A partir destas três molaridades cada um delas se redimensionam numa capilaridade infinita.

Uma aflição moral, por exemplo, pode ser alcoolismo, livrar-se das drogas, traição no casamento, pedido de casamento, resolver intrigas familiares, pedir para deixar de ser assassino, separação de casais, arrependimento de separação no casamento, abrir os caminhos tirando o azar em tudo na vida, livrar-se de trabalhos de macumba, pede-se para ficar esteticamente linda, melhorar a aparência, para o time de futebol ganhar um campeonato, emagrecer, pede para o filho sair do presídio, pede para não apanhar mais do marido, para o marido deixar de ter ciúme, se sentir desmoralizado por não ter mais ereção, se livrar de um mau vizinho, ganhar eleições políticas, cabelos e unhas crescerem, resistir as tentações da carne, isto é controlar a compulsão sexual, aumentar as nádegas e os seios, sair da vida de prostituição, aceitação da família por sua condição homossexual, deixar de sonhar com o demônio, proteção contra assalto, tiro, seqüestro, inveja, deixar de mentir e enganar as pessoas, não ser mais homossexual e sim heterossexual, parar de roubar, coragem para vingar sangue derramado injustamente, pede para que o Padre Cícero crie condições para que o marido leve uma surra para deixar de beber, superar a timidez, mulheres que pedem para ter condição de criar os filhos sozinha.

Pedidos da ordem do econômico: chover para não perder a plantação, pagamento de dívida, adquirir casa própria, conseguir um emprego, comprar um carro ou moto ou bicicleta, passar em concurso, passar no vestibular, ascensão profissional, concluir o curso de graduação, ficar rico, ganhar na loteria, vender objetos pessoais, aprovação de empréstimo em banco, conseguir dinheiro para todo ano ir a Juazeiro, não viver mais de aluguel, montar um negócio e ser bem sucedido, sair da falência.

Pedidos da ordem da saúde: doenças do coração, curar insônia, recuperar visão, curar membros quebrados, sucesso na operação, pedido de transplante de órgãos, cirurgia plástica, curar de câncer, AIDS, tuberculose, ficar grávida, voltar a andar e falar, problemas na coluna, deixar de gaguejar, curar a doença de animais.

Anunciada essas aflições, quais as formas de se fazer o pedido da promessa? Vamos citar aqui alguns exemplos: mentalizando em silêncio, mantendo isso em segredo, anunciando para uma coletividade, através de cartas enviadas ao santo, no ouvido da estátua do santo, dentro de uma igreja em estado de meditação, de joelhos em cima de pedras ou caroço de milho ou feijão, quanto maior for o estado de aflição para alcançar a promessa maior será a intensidade deste pedido.

O tempo de espera para que seja realizado a promessa é árdua e ansiosa. O sofrimento, a dor, o momento *pathos*, o corpo em tensão provoca uma movimentação intensa de emoções, é uma espécie de drama levando-o a uma entropia das intensidades³⁶. Os pedidos são repetidamente feitos, muitas vezes diariamente, inclusive, acompanhado de graves e leves punições ao corpo, coordenada pelo próprio pagador de promessas. Tempos de chagas abertas.

A ritualização cotidiana do pedido interfere na psicologia do pagador de promessa, tornando-o mais introvertido, “cavernoso”, taciturno, deixa de beber, frequentar lugares públicos, usar jóias, perfumes, maquiagem, fazer sexo etc. É um ser em momento de cisão com o mundo profano, entrando em liminaridade para com a graça alcançada se reagregar, isto na perspectiva do processo ritual de Turner (1974). Ou pensando com Deleuze e Guattari podemos transferir essa idéia para o conceito de ritornelo onde o pagador de promessas passa pelo movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização na espera da graça alcançada. Bourdieu nos diria que este momento é o do investimento, mas sem cálculo, com uma contabilidade caótica, como diz o pensador, o momento do “silêncio cínico” em razão do imprevisto, do acaso, do que pode ou não acontecer.

Imagino que este pagador de promessas nunca alcance a sua graça. Como fica essa questão? Se ele morre e o que ele pediu acontece depois provavelmente alguém da família ou amigo próximo ficara encarregado do agradecimento ou então a promessa é nula. Narro uma outra história que mostra como este tempo da espera pode ser vivido e representado. Uma mulher, em um vestido vermelho florido, abraça essa imagem e conversa ao pé do ouvido do Padre Cícero. Depois conversando com ela, perguntei o que tanto conversavam, disse-me que seu filho passava o dia assistindo filmes pornográficos e se masturbando, portanto, pediu que o padim desse uma religião para ele, que não gostava de protestante, mas que até isso aceitava

³⁶ Citar mauricio mangueira

para ver o filho sair desse “vício”, que representava a morte para ela. Este é um exemplo deste tempo. Isto mostra como é difícil este universo móvel.

2.5 Alcançar a promessa

A reterritorialização movendo felicidade, gratidão, mas não desprezando *o eterno retorno*:

Oh meu padre cícero, muito obrigada pela luz dos meus olhos vejo as coisas como elas são e não naquele toldado em breve estarei aí em juazeiro, levando uma esmola para sua igreja e os óculos que antes usava. Mais uma vez lhe agradeço de todo o meu coração continue orando por mim e minha família. *Romeiro de Pernambuco.*

meu padrinho Cícero, alcancei minha graça. Meu marido deixou de beber vivo com muita alegria, o dinheiro está até sobrando. A desgraçada da cachaça quase arruinou minha vida já era para ter ido a agradecer, olhar nos seus olhos azuis, abraçar seu corpo, dar um beijo no seu rosto e na sua mão, pegar no seu cajado que me sustentou todos estes anos. Era para estar aí na romaria da mãe das dores mando lhe dizer que eu não fui por que eu estava doente do pe, mas para o ano eu estarei aí si deus quiser. Meu padrinho cícero eu lhi peço muita saudade para minha família toda. *Romeira de Campina Grande - PB.*

Eu escrevo esta carta e faço esse desenho com amor e carinho para o meu senhor padi ciço. Espero que goste meu padi ciço. Te ofereço com carinho e amor esta carta em retribuição o meu pedido de passar nas provas. Obrigado por tudo meu padi ciço. Obrigado meu padi ciço. vc é muito bom estou muito feliz. Oraí por nos que estamos na terra e o senhor que esta no céu. Continue protegendo a mim e a minha família e os que estão no céu. *Carta de uma criança com desenhos.*

Estas cartas transparecem o momento sublime do ritual. Representam o pico de noventa graus na curva dramática, as chagas estão em processo de cicatrização e o coração está feliz. Este é o momento restaurador, mas não paralisado. Produzem-se novas aberturas

para novos agenciamentos. Os pagadores de promessas que alcançam as suas graças repetem sempre essa frase “eu faço romaria para não deixar de existir”. três sentimentos pude perceber neste momento: alegria, felicidade e lealdade como reflexo emocional de uma travessia religiosa para onde se convergiram um feixe de afetos. A lealdade do pagador de promessas é o símbolo do infinito, um oito deitado, uma cobra que engole o próprio rabo. O Padre Cícero é o epicentro destes vínculos emocionais, da emoção povoada do pagador de promessas. É muito difícil colocar este momento dentro de uma fórmula, de uma forma, de um condicionamento sociológico. Toda esta engrenagem que envolve atores, ações, paixões e sentimentos deve ser percebida como um campo móvel, cheio de ardis e temporalidades negociadas.

2.6 Tipos de pagadores de promessas

Da mesma forma que fiz a tipologia dos romeiros também observei certos tipos “puros” de pagadores de promessas. Mostro aqui o elenco que pude perceber na minha pesquisa de campo, mas a observação que fiz para o item anterior é válida aqui também, ou seja, devem existir tipos que não pude perceber. Na maioria das vezes, o pagador de promessas usa da prática da penitência, fazendo do uso do corpo um meio para pagar sua promessa. Aqui apresento vinte e dois tipos de pagadores de promessas que construí a partir dos dados do campo:

- O PENITENTE DO HORTO: este tipo se configura por pagar sua promessa subindo o Horto. Chamo-o de penitente porque o Horto é uma ladeira íngreme, calçada por pedras e, além do mais, existem vários que sobem descalços, carregando pedra na cabeça, carregando cruz de madeira, debaixo de um sol escaldante, sem beber água, por cerca de uma hora (dependendo da idade e da condição física), ou seja, quanto mais penoso “mais pecado desconta” como me disse um pagador de promessas. Um outro interlocutor me disse que subiu o Horto de carro para pagar sua promessa, porém à noite dormiu e sonhou com o Padre Cícero. No sonho, o Padre Cícero lhe dizia que sua promessa não estava paga, pois tinha “trapaceado” subindo de carro o Horto. No outro dia estava cumprindo sua penitência corretamente.
- O PENITENTE DO SANTO SEPULCRO: Aqui o ato de pagar a promessa se constitui em percorrer esse caminho tão ou mais árduo que a subida do Horto. O caminho é

feito por uma vereda de terra, no qual o vai e vem de gente é intenso. A maioria dos pagadores de promessas vão bem cedo para esse local para ter menos contato com o sol abrasador. Porém, no fim do caminho, chega-se a um local cercado por pedras, de mata um pouco mais cerrada, no qual se encontra a casa e o túmulo de um beato que ali morou. Sente-se uma grande paz nesse local que é repleto de signos e de ritos que também faz parte do pagar a promessa como: passar por entre as pedras para purificar o corpo, passar o dedo nas pedras que tem o número 1907 para pagar graça alcançada de aprender a ler e escrever, pegar pedras e lascas de madeira para fazer remédio caseiro para si e outras pessoas. Estes atos se somam a travessia desse local para alguns pagadores de promessas.

- O CAMINHANTE: o tipo “caminhante” é constituído por uma minoria. Diferente de Canindé que é visto em grande número e que faz parte da tradição daquele centro religioso, em Juazeiro se pode dizer que é muito restrito as cercanias da cidade. Embora tenha pessoas que caminhem vestidas de Padre Cícero, descalças, portando ex-votos, em grupos, o pagamento da promessa está no ato de caminhar de sua cidade de origem até Juazeiro.
- NOIVAS DO PADRE CÍCERO: este tipo é constituído por moças e também senhoras que alcançaram à graça de casar. Em troca peregrinam em Juazeiro vestidas de noiva, deixando seu vestido e outros ornamentos usados no dia do casamento como testemunho da graça alcançada na casa dos milagres.
- CARTEIRO: chamo de “carteiro” aqueles que pagam sua promessa escrevendo cartas de agradecimento, relatando seu pedido e sua graça alcançada. Muitas vezes, pedem para que a carta seja exibida na casa dos milagres para que outros possam ver e ler o seu testemunho. Algumas seguem com fotos ou desenhos do milagre vindo por intercessão do Padre Cícero.
- EX-VOTOS: é constituído por aqueles que levam objetos em madeira, barro, fotos, previamente acertados com o santo como retribuição da graça alcançada. Portanto, o ex-voto é compatível com a graça alcançada, por exemplo, se o pedido for de comprar uma casa, entrega-se uma pequena casa em madeira representando a graça alcançada.

- GENUFLEXO: é aquele que sobe a escadaria do horto de joelhos ou que entra e atravessa a igreja ajoelhado. O seu ato de pagar promessas está condicionado a se postar de joelhos em algum local público e sacrificar seu corpo nessa travessia.
- CONVERSAS AO PÉ DO OUVIDO: são pagadores de promessas que se abraçam a imagem e agradecem “pessoalmente” a graça alcançada. Refiro-me aqui as pessoas que conversam ao “pé do ouvido” com estátuas de gesso ou com as imagens de cera do Padre Cícero que estão no Museu Vivo. O pagar promessa dessas pessoas está em ir a Juazeiro e agradecer por meio de uma fala íntima como quem agradece a um amigo ou um parente um grande favor concedido.
- CARIDOSO: aquele que paga sua promessa dando esmolas, podendo ser dinheiro, roupa, comida, remédio. O fato é que paga sua promessa ajudando pessoas necessitados, exercitando um dos preceitos cristãos.
- REGENERADO: é o que suspende os vícios em retribuição a graça alcançada. Deixa-se de fumar, de beber, de “raparigar”, de jogar, enfim, trata-se de dar fim a algum tipo de vício que, na maioria dos casos, o pagador de promessas condiciona a algum milagre.
- PRIVAÇÃO: aquele que se priva do que gosta de fazer por um tempo, ou seja, não é em definitivo. Priva-se de comer doce, usar jóias, fazer sexo, se embelezar, de sair etc.
- TACITURNO: é o que faz voto de silêncio por uma temporada. Alguns procuram se comunicar por sinais ou escrita, mas outros mais radicais ficam sem se comunicar por algum tempo.
- JEJUAR: é aquele que por acordo feito com o santo se priva de comer durante a romaria.
- BEATO: é um tipo clássico, mas não tão comum nesses tempos de consumo exacerbado. São pessoas que fazem voto de pobreza, ficam em oração e penitência como retribuição ao benefício dado pelo santo. Por meio de sua conduta, criam uma espécie de força moral e são muito respeitado pelos romeiros que se entusiasmam com seu bom exemplo.
- REBOQUE: o tipo “reboque” pode ser encontrado em toda romaria, pois é aquele que vai em lugar do outro pagar a promessa. Neste tipo se inclui a pessoa que vai pagar

uma promessa feita por um parente, por exemplo, é o caso da mãe que faz uma promessa para o filho ficar curado de alguma enfermidade, no entanto, quem paga a promessa não é a mãe, mas sim o filho que inclusive tem que pagar tudo aquilo que foi prometido pela mãe. Outro tipo de reboque é aquele que vai pagar a promessa no lugar do outro porque este se encontra impossibilitado de ir a Juazeiro por conta de enfermidade, condição econômica e, ainda caso de falecimento, no qual o romeiro que vai a Juazeiro herda essa incumbência do outro. De qualquer maneira, o que acho curioso neste tipo é a propagação de um pagamento de promessa mais pessoal, ou seja, ligado a regras mais íntimas de tipo jeitinho brasileiro.

- DEVEDOR: são aqueles que estão sempre em dívida com o santo. Prometem mais do que podem para alcançar a graça e, por conta disto, ficam sempre devendo uma parte da graça alcançada. Para não perder o crédito com o taumaturgo pagam à crédito o que alcançou.
- ANUAL: Aquele que alcança uma graça e se compromete o resto da vida ir uma vez ao ano a Juazeiro.
- SANSÃO: estão nesse grupo aqueles que por conta de uma promessa passam anos sem cortar o cabelo. Alguns interlocutores me disseram que este ato se assemelharia a uma imagem mais santificada no sentido de lembrar Jesus Cristo. Outros disseram que se tratava de uma questão de se desapegar do lado estético. Já uma romeira me disse que por conta de uma doença do filho recém nascido, prometeu que se ele ficasse curado só cortaria seu cabelo quando ele atingisse a idade de sete anos.
- ROSÁRIO DE LAMENTAÇÕES: são aqueles que rezam um rosário todo dia ao meio-dia e às seis horas da tarde. Ou seja, corresponde a 15 dezenas de ave-marias e 15 dezenas de padres nossos duas vezes ao dia.
- INDULTO: é o pagador de promessa que em troca de uma graça alcançada perdoa alguém que lhe fez muito mal. Testemunhei uma mulher entregar uma faca na casa dos milagres como ex-voto e em sinal de perdão a um inimigo que tinha jurado de morte.
- PADRE CÍCERO: tipo muito recorrente em todas as romarias. São aqueles que usam roupa preta toda sexta-feira ou no dia 20 de cada mês, dia e data da morte do Padre Cícero. Mas também é constituído por aqueles que se traja de Padre Cícero na romaria como pagamento da promessa.

- CARONEIRO: é aquele que paga sua promessa fretando ônibus ou caminhão para levar outros romeiros a Juazeiro. Este tipo de pagador é bastante comum e ajuda no processo de contaminação da religiosidade ali construída, já que dá oportunidade de outros romeiros conhecer o lugar.

CÁPITULO 3 – A TRAVESSIA

3.1 As travessias

Andar, percorrer, fazer travessias, fazer cartografias físicas e afetivas, buscar sentido, compreender, usar toda a potência do corpo – Eu, um simples mortal deste *mundo de meu deus!* Será isso uma metafísica? Um sentimento poético? A romaria que me atravessa? Uma sociologia poética? Ou até mesmo um etnógrafo que cai no campo e não sabe o que lhe espera. Ó sertão de Deus e do Diabo na terra do sol! Sertão, ser-tão, seresertão, de terço na mão, dor e alegria no coração.

Foi assim que embarquei para Juazeiro saindo de Fortaleza às dez horas no breu da noite do dia 30 de janeiro de 2006. Depois de nove horas dentro do “busão”, descii em Juazeiro com o pé direito pedindo que tudo desse certo. Era véspera de romaria para festejar o dia de Nossa Senhora das Candeias. A procissão que ilumina a cidade pela luz das velas. Um passageiro do ônibus me disse “Em Juazeiro está acontecendo à romaria de Nossa Senhora das Candeias, mas durante o ano tem mais nove romarias, então veja só, Juazeiro é romaria sempre!”³⁷ A cidade se mostrava na sua potência máxima de festa religiosa, repleta de pessoas de muitos lugares do nordeste e do Brasil. Como alguns interlocutores me disseram aquele lugar, naquele momento, “era o centro do mundo ou do seu mundo”. A primeira formulação sócio-antropológica que fiz foi a seguinte, a noção de real e imaginário não era apenas antagonica, mas complementares e inseparáveis. Esta formulação me fez lembrar Morin, diz ele:

Fortificou-se a idéia de irrealidade inserida na realidade. Penso, ao mesmo tempo e contraditoriamente, que este mundo meio mágico, meio irreal, é a nossa única realidade de carne, de sangue, de alma, de amor, de paixão e de vida. Penso ainda, a semelhança dos pensadores do Grande Veículo, que *samsara e nirvana* são as duas faces opostas de uma mesma coisa. Minha maior aquisição foi compreender que o pensamento não pode ultrapassar contradições fundamentais, e que o jogo do antagonismo, sem necessariamente suscitar síntese, é em si mesma produtiva. (MORIN, 1997: 59).

³⁷ Colocar a lista das romarias

Meus olhos atentos percorriam as faces e os gestos, as estéticas corporais, as vestimentas, percebi cenas de um mundo dantesco. Este termo é usado aqui não no sentido pejorativo, mas na conotação da diversidade dos afetos, dos mil devires, da bricolagem, da polifonia desse espaço de territorializações múltiplas. Das várias linhas de capturas de um labirinto que se dobra e redobra onde a noção de céu, inferno, purgatório, bem e mal, alegria e dor se misturam intensamente³⁸.

Observei o movimento do fluxo de pessoas dos mais diferentes estilos, cor, etnia, classes sociais, a diversidade brasileira em potência intensiva do que eu pude perceber: loucos, vendedores ambulantes, raizeiros, mulheres, aleijados, esmoleiros, crianças, velhos, Macunaímas, cegos, pagadores de promessa vestidos de Pe. Cícero com a batina preta e o chapéu preto, índios Pankararus, ciganos, beatas e beatos, penitentes, adolescentes em pleno estado de felicidade, grupos de romeiros identificados por vestimentas padronizadas. Toda uma gama de artistas locais, tais como: sanfoneiros, maneiro-pau, reisados, banda cabaçal, santeiros, cordelistas.

O que diria Darcy Ribeiro frente a esse palco móvel, repleto de atores, de um Brasil que se inventa e reinventa? No sentido etnográfico deste antropólogo, como ele mesmo aponta na linha teórico-metodológica de sua obra “O Povo Brasileiro”, ali estaria à síntese da nação brasileira de um Brasil profundo, que se constitui através de um povo novo feito do encontro das diferenças.

3.2 O rancho dos romeiros

3.2.1 *O de comer*

Continuando a travessia procurei um lugar de pouso para descansar o corpo e guardar meus pertences: uma mochila com uma calça jeans, três camisetas, um par de chinelos de couro, duas bermudas, uma toalha, objetos de higiene pessoal, meu gravador, máquina fotográfica e um caderno para fazer meu diário de campo. Dando continuidade “a aventura antropológica”³⁹ me instalei no “rancho do seu Luis Alves”, um típico rancho de romeiros. O lugar fica próximo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores e em época de romaria chega a receber quinhentos romeiros, no qual uma minoria se espalha entre seus poucos quartos,

³⁸ DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barraco*. Tradução Luiz B. Orlandi. Campinas, Editora Papyrus 1991.

³⁹ CARDOSO, Ruth C. L. (organizadora). *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

cabendo em média por quarto dez pessoas que dormem de rede, nos beliches e em colchonetes. Entretanto, a grande massa de romeiros dorme em um grande salão, no qual o entrelaçado de redes e as práticas de sociabilidade lembram o interior de uma grande oca. Nesse salão as pessoas cozinham tanto no fogão a gás como em fogão a carvão. A gastronomia do romeiro ocupa um lugar muito importante na estadia. A comida fora do rancho é muito cara, portanto, utilizam o espaço do rancho para produzir a sua alimentação que está dividida em três refeições: café da manhã, almoço e jantar.

No café da manhã o arranchado basicamente se alimenta de: pão com manteiga ou nata, tapioca, bolacha, café, leite, queijo, ovos. Estes alimentos geralmente são trazidos de seu lugar de origem para baratear sua estadia. No almoço geralmente fazem a “mistura”: baião de dois, ovos fritos, cozidos ou mexidos, farinha ou farofa de ovos, macarrão, feijão ou arroz com piqui, temperados com alho, nata, cebola e cheiro verde. A proteína de origem animal varia entre carne de sol assado ou cozida, carne de porco assado ou cozida, costela, bisteca, lingüiça, tripa, vísceras do porco com fígado, a fussura que é a cabeça do porco cozida, galinha assada ou cozida, torrada na panela com óleo e farinha, a cabidela, o pirão escaldado de galinha ou de carne. A carne segue a mesma seqüência do porco e da galinha, podendo ser temperado com maxixe, quiabo, pimenta do reino, pimenta de cheiro, jerimum, coentro, cebolinha. Para sobremesa: rapadura, tijolinho de leite, goiaba, castanha associado algumas vezes ao queijo. Durante a tarde, quando alguém permanece no rancho, merenda café com bolacha, café com pão, rapadura. A noite a mesma seqüência do almoço, mas também pode ter como opção: canja, caldo, mingau, milho e batata-doce assada. Bebida alcoólica é proibido, mas sempre alguém tem no “mocó” uma cachacinha ou licor de jenipapo, tangerina.

3.2.2 O lugar da cozinha, tecnologias e técnicas de cozinhar

“Aqui a fartura come de esmola”, essa foi à primeira frase que ouvi quando fui comer entre os romeiros no rancho. O espaço esquadrinhado para alimentação no “rancho do seu Luis Alves” estava dividido em dois lugares, uma pequena cozinha comunitária que possibilitava apenas vinte pessoas cozinhar e o grande salão dormitório aonde se improvisava no pé das paredes fogões a gás de uma ou duas bocas, fogareiro, fogão improvisado de tijolos e uma trempe (uma grelha sobre a qual se coloca a panela ficando abaixo as brasas). As panelas eram de barro ou alumínio, colheres de pau para mexer a comida e vasilhas de plástico ou madeira para cortar, picar e temperar os alimentos.

3.2.3 O cozinheiro e a cozinheira

O talento para cozinhar era na sua grande maioria capitaneado por mulheres, mas podia observar que alguns homens também praticavam esta função. Era proibido a aproximação de crianças nesses espaços das cozinhas para evitar acidentes.

3.2.4 A etiqueta

O temperar, o cozinhar, o assar e o servir atendia a uma organização social e sexual do trabalho. Cabia as mulheres mexer as panelas, poderia caber aos homens cortar as carnes e temperá-las. Servi os pratos e entregar nas mãos ou colocar sobre mesas improvisadas eram tarefas femininas. Os primeiros a serem servidos eram os velhos e as crianças, depois os homens e as mulheres. A limpeza das panelas e das louças era de responsabilidade das mulheres mais novas ou adolescentes.

3.2.5 Favores e trocas

Percebi que neste universo gastronômico impera uma espontaneidade puxado por favores, simpatia, solidariedade, que remete a economia das trocas simbólicas. As cumadres trocam gêneros, receitas, utensílios. É prática esses grupos se hospedarem na pousada todos os anos. Observei que uma romeira do maranhão trouxe camarão seco para sua colega romeira do Piauí, que retribuiu a cumadre maranhense barras de doce de buriti. Isto era motivo de muita felicidade e “perpetuação” das amizades entre ambas. Estas cumadres me informaram que trocavam cartas ao longo do ano perfazendo o ciclo de suas vidas, notícias de morte, nascimento, casamento, magoas amorosas, preocupações com os filhos.

Percebi através dessas observações de caráter etnográfico que o pequeno mundo deste rancho pulsavam diferentes tipos de sociabilidades. Neste espaço da culinária constituiu-se hierarquias, códigos próprios, solidariedades específicas, fazendo um movimento, construindo fluxos por onde passam códigos sociais.

3.2.6 Práticas do espaço

Quando não estão batendo pernas por Juazeiro passam o tempo aí jogando baralho, dominós, contando causos, tocando violão. Os banheiros são coletivos, no entanto, são

separados por sexo. Os romeiros começam a tomar banho por volta das duas da manhã para se preparar para a missa das cinco e meia. É muito comum faltar água aí. O rancho é um local extremamente quente, assemelha-se a uma fornalha. Paga-se pelo período de romaria entre dez e quinze reais por pessoa nesses ranchos. Porém, em ano de eleição, a maioria dos grupos vem patrocinada por políticos que em troca pedem apoio a sua campanha. Um romeiro de nome Carlos me disse que naquele anoⁱ “só um político estava enviando 40 carros a Juazeiro”. Um dado fornecido a mim pelo filho de seu João Alves foi à ocupação por região que tem o rancho dependendo da romaria⁴⁰.

3.3 Amizades religiosas

Depois de instalado no rancho e já ambientado neste local, dirigi-me a Praça Padre Cícero que é uma espécie de epicentro do fenômeno religioso de Juazeiro, já que as pessoas e os grupos aí se encontram para dar início ao roteiro de peregrinação por Juazeiro.

Nesta praça existe um grande número de artistas populares que tiram o pão nosso de cada dia da doação de esmolas, roupas e comidas por parte dos romeiros. Foi nessa praça na qual me encontrava como curioso e espectador de toda a movimentação que ocorria aí, que informalmente passei a papear com o romeiro de nome Antônio, proveniente de Altinho-PE.

De início, conversávamos sobre um engolidor de facas, “magro feito uma muriçoca”, que assistíamos na praça e, na verdade, mais riamos da *performance* tosca do sujeito, do que propriamente da sua habilidade com as facas. A conversa que se iniciou de forma desinteressada, passou a ser conduzida para o que queria entender do meu campo de pesquisa. Antônio me disse que a trinta e cinco anos se deslocava anualmente a Juazeiro por conta de uma promessa feita ainda adolescente para ficar curado de uma dor de cabeça. Disse-me que nunca procurou médico e que tinha se curado por graça de uma promessa feita ao Padre Cícero e em retribuição vinha todos os anos. No início sozinho, mas com o tempo passou a vir acompanhado da esposa e, às vezes, de filhos e netos. Vendo nele um romeiro conhecedor daquele lugar, pedi para ele me dizer qual era a principal diferença entre as romarias do passado e as de hoje:

Porque quando eu dava as primeiras passadas aqui, a gente vinha do meio da rua cantando os hinos do meu padim ciço, de Nossa

⁴⁰ Segundo ele em fevereiro os romeiros são de Pernambuco e Alagoas. Em setembro os alagoanos são maioria. Em outubro é a vez do povo piauiense. Na romaria de novembro a ocupação é de Pernambucanos e em dezembro de piauienses.

Senhora das Dores, acompanhando com fé, com coragem, com alegria. Hoje a multidão cresceu muito mais do que naquela época, mas me parece que a fé não é longe daquela época não. Mas o sacerdócio tem muita ganância, muita ganância pelo dinheiro e a religião não precisa de ganância pelo dinheiro. Muito diferente da religião de antes, se não tiver dinheiro me parece que o sacerdote não anda e muita gente vai perdendo a crença. Essa é a diferença que vejo.

Achando seu depoimento interessante, combinei passar o dia seguinte com ele e a família em romaria por Juazeiro. O que eu queria era compreender a cartografia da cidade e se possível acompanhado de pessoas experientes nessa trajetória. Isso me fez lembrar Certeau quando diz:

As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos *procedimentos*. São esquemas de operações e manipulações técnicas. A partir de algumas análises recentes e fundamentais (Foucault, Bourdieu, Vernant e Detienne et alii) é possível, senão defini-los, ao menos precisar melhor o seu funcionamento em relação ao discurso (ou à ‘ideologia’, como diz Foucault), ao adquirido (o *habitus* de Bourdieu) e a esta forma do tempo que é a ocasião (o *kairós* de que falam Vernant e Detienne). Maneiras de balisar uma tecnicidade de tipo particular e ao mesmo tempo situar o seu estudo em uma geografia atual da pesquisa. (CERTEAU, 1994:109).

. Para Certeau, contracenando e contrariando a teoria bourdista, diz que nem todo conhecimento ou prática é institucionalizada. Existem práticas e inventividades que fogem a lógica da institucionalização, das normas estabelecidas e da explicação da sociedade por sua estrutura. Na etnografia aqui trabalhada, em termos metodológicos, percebi que as práticas no espaço poderiam ser conduzidas e percebidas de forma menos engessada, liberando assim um potencial inventivo, espontâneo dos processos e dos movimentos no espaço encenados pelos atores deste campo.

Foi pensando nas inventividades, nas *microatividades diferentes*, que deixei de lado a cartografia oficial concedida pela prefeitura municipal e decidi seguir o fluxo nômade e inventivo de uma família de romeiros. É no cotidiano destes romeiros nesse espaço que se dá

um processo de reelaboração do sagrado. Neste intuito, a possibilidade de vislumbrar um olhar diferenciado sobre o espaço sagrado de Juazeiro que me estimulou a acompanhar Antônio e sua família.

3.4 Travessia em família

Foi nesse ambiente que encontrei a família de Antônio que era composta de cinco pessoas: sua esposa Maria, sua filha Cícera, seu genro Carlos e o neto Francisco. Tomamos um rápido café com tapioca e seguimos para a missa das sete na Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A Capela de Nossa Senhora das Dores foi construída pelo Padre Cícero em cumprimento de um voto feito por uma ilustre moradora de Juazeiro chamada Herminia Gouveia Marques. A construção foi interrompida por várias vezes pelo bispo do Ceará, Dom Joaquim Vieira, no entanto, a construção foi concluída mesmo sem a permissão eclesiástica. Neste local está sepultado o corpo do Padre Cícero e é, sem dúvida, um dos lugares de maior devoção de Juazeiro. Além do túmulo, existem vitrais com imagens do Padre Cícero e da beata Maria de Araújo em referencia ao suposto milagre. Apenas por curiosidade informo que o padre responsável pela colocação dos vitrais foi afastado dessa paróquia por suposta desobediência a hierarquia eclesiástica. Acompanhamos aí a missa e ao fim, observei Antônio e sua família depositar fotos, cartas e até sua carteira de dinheiro em cima do túmulo do Padre Cícero, ele como romeiro experiente me explicou que esse ritual era uma prática que fazia todas às vezes para abençoar seus bens, pedir proteção para pessoas queridas que levava até lá por meio de fotografias e as cartas eram escritas contendo agradecimentos e pedindo novas graças ao *padim*.

Saindo da igreja demos uma rápida volta na praça que se situa defronte e que contém um intenso comércio voltado para a romaria. Seu Antônio procurava um “curandeiro” de quem sempre comprava uma garrafada considerada milagrosa para todo tipo de doença. Quando encontramos o “curandeiro”, descendente da etnia *furyo* de pai e mãe, mas não se reconhecendo como indígena, pelo contrário, negou essa identidade dizendo não ser “selvagem”. Vi nele um grande vendedor. Sabia fazer o *marketing* do seu produto de fazer inveja a grandes publicitários. Preparava a garrafada na hora, a sua barraquinha ficava no chão da praça e todo o material era disposto em várias bacias, cada uma contendo um produto diferente, usava garrafas de cachaças vazias no preparo e fazia de acordo com os males ou

necessidade do romeiro. Transcrevo abaixo uma de suas fórmulas de garrafada que fez na minha frente e na de Antônio:

Lá se vai a quixaba, que é para combater a osteoporose e para quem tem dor na coluna. Viva Deus e morra o Diabo! Eu faço na hora e preparo na vista. Depois que coloquei a quixaba, vamos colocar agora o cajueiro vermelho para evitar inflamação ou infecção. Viva Deus e morra o Diabo! É cinco mil reis, mas vale a pena. Eu trabalho em Recife, eu trabalho em João Pessoa, eu trabalho em Natal, eu trabalho em Fortaleza, eu trabalho em Macéio e em São Paulo: na praça da Sé, Liberdade, Vila Mariana, Santo Amaro, Santo André e no lugar mais perigoso do Brasil – Barueri! Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria, o sangue de Jesus tem poder. 3 vezes ao dia, dois dedinhos, de manhã, de tarde e de noite. Lá se vai aroeira na garrafada. Não tem infecção nem inflamação. Lá se vai mulungu pra quem não dorme bem. Tem velho que passa a noite inteira aceso, mulungu na garrafada. Depois que coloquei o mulungu, tem calma que vem mais pau. Lá vem unha de gato, é atestado pelos melhores médicos do país. Depois da unha de gato, angico para quem tem catarro preso e jatobá para quem tem anemia. Um litro por cinco real. É de graça, meu amigo! Depois do jatobá, lá se vai o cumarú pra quem tem problema de olfato, não sente cheiro nem tampouco sente cattinga, lá se vai cumarú na garrafada. Agora é um trabalho bem feito, bem preparado. Eu faço na hora, preparo na vista. Vamos colocar agora urtiga branca para quem tem apendicite e a comida carregada é a mulher do vizinho. Agora pode caçar, pescar, namorar só não pode misturar com cachaça, nem pimenta, nem limão. Viva Deus e morra o Diabo! Lá se vai o boldo. É o chá caseiro. Toda casa tem boldo só não tem se a mulher for demente e o homem descansado. Lá se vai espinheira santa para próstata, gastrite, artrite, espinheira santa na garrafada. Vamos colocando semente de sucupira e o Jucá. Afina sangue, combate a tuberculose e tira mancha do pulmão.

Semente de gengibre para evitar uma trombose e o mirassol para combater derrame cerebral. E o chambá para quem tem asma, bronquite ou cansaço. Alecrim para quem é depressivo tem problema de pressão e coração instável. Lá se vai eu colocando erva-doce, a canela, é o gosto da garrafada. Camomila para quem tem sistema nervoso e não dorme bem. Catuaba para véi fraco, a véia quer, ele não quer. A véia chama, ele não vai. A véia pergunta: - Meu véi, cadê a vara? O véi diz: - Tá na mão, mas não tem jeito. Toma a garrafada para você ver, voce dá lapada na rachada de meia em meia hora. Lá se vai às plantas pisadas. É bem feito e eu faço na hora. É vinte qualidades de erva medicinal. E como é que toma? É com a boca! Dois dedinhos no copo, mas não vá cortar os dedos não! Viva Deus e morra o Diabo!

Pude observar não somente aí, mas por todos locais de peregrinação de Juazeiro a intensa procura de remédios naturais como o descrito acima. Só no tempo que fiquei observando esse senhor preparando a garrafada, cerca de quinze minutos, ele vendeu perto de duas dezenas de garrafadas. De outra forma, as garrafadas são muito usadas e legitimadas como remédio pelo sertanejo que tem enorme confiança no seu poder de cura. Enquanto estávamos eu e Antônio esperando o preparo da garrafada, Maria sua esposa vinha ao nosso encontro com uma pequena imagem de uma pomba gíria revelando uma religiosidade sincrética, disse-me que era para protegê-la de uma vizinha catimbozeira e trouxe para mim uma oração de Salomão, que serve para desmancharem feitiços e afastar encostos de maus espíritos na sombra. O ritual da oração inclui ainda fazer uma Estrela de Salomão com a ponta de uma faca e rezar com o pé direito em cima da estrela, segue abaixo a oração:

em nome de Jesus Cristo,
Da Virgem da Conceição.
Agora me acho livre
Neste signo Salomão
Coberto com o vosso manto
Ó virgem da Conceição.
Agora fiquei curado

Neste signo Salomão.
Coberto com o vosso manto
Ó virgem da conceição te afasta espírito mal
Não me faça confusão.
Desfeito todo feitiço
Despacho ou brucharia
Que fizeram para mim
Pela noite e pelo dia.
Se botaram na comida
Ou na bebida foi feito
Agora a Santíssima Virgem
Já deixou tudo desfeito
Posso dizer: estou livre de toda perturbação
Agradeço com amor
A virgem da conceição

Já nessas poucas horas que estávamos juntos comecei a perceber um Juazeiro bem diferente das representações sociais que tinham sido construídos a mim por meio de livros, jornais, conversas com amigos etc. Essas representações dão conta de um romeiro assemelhado a um cordeiro, devoto incondicional de santos católicos, cego em romaria e, definitivamente, não era isso que estava vivenciando, pelo contrário, estava a minha frente um jogo envolvente de astúcia e uma lição de Brasil que ainda não tinha tido. Não quero levantar hipóteses nem polemizar, no entanto, parece-me que a história de Juazeiro narrada pelo romeiro ainda está por ser feita.

3.5 A Casa dos milagres

Dentre os lugares que visitei um, em especial, chamou-me a atenção: *a Casa dos Milagres*⁴¹. O que observei e coletei nesse lugar foi muito interessante, pois me incitou o suficiente para ensejar uma experiência no assunto, no sentido de poder compreender que as necessidades dos pagadores de promessas não tinham nada de sobrenatural ou místico, pelo contrário, percebem-se nos ex-votos as necessidades e anseios do homem contemporâneo.

⁴¹ Em Juazeiro do Norte existe uma casa dos milagres, localizada na praça do Perpétuo Socorro, mas existem outros dois locais de depósito de ex-votos. São eles: a casa do Padre Cícero e o Museu Vivo do Horto. O que vai ser narrado aqui aconteceu nesses três lugares, tendo como objeto a questão da entrega de ex-votos.

Nesse espaço, se concentra com certeza o maior capital simbólico⁴² do poder do lugar e do Cura de Juazeiro, já que é aí que se encontram as provas “concretas” de seus milagres, de sua enorme força e de sua estrutura objetiva.

Presenciei cenas de imensa devoção e, em minha retina, mantiveram-se as imagens de fragmentos de corpos, tais como braços, pernas, cabeças, pulmões, corações, tórax, úteros, pênis, vaginas, por fim, todas as partes do corpo humano. Essa sala é um grande corpo humano e uma imensa teia dos mistérios e da diversidade que nos cerca.

Vêm-se aí objetos mais contemporâneos, representados por esculturas, fotos ou textos, de carros, motos, casas, empregos, camisas de futebol, garrafas de água, garrafas de cachaça, caminhões, ônibus, vestidos de noiva, bicicleta, viola; ou ainda de animais representados em madeira (boi, carneiro, porco), muletas, diplomas universitários, fotos, aparelhos ortopédicos, carteira de motorista, cruz de todos os tamanhos, pedidos de gravidez, vestibular, entre outros. Todos impregnados da atmosfera da “casa dos milagres”, atualizando este espaço da religiosidade cearense, esse mundo plástico dos ex-votos, que me fez perguntar: o que leva uma mulher a cruzar o sertão de pau-de-arara, durante dias, com um filho no colo, para levar uma escultura de uma perna contendo um desenho de uma pereba que não sarava? O que faz as pessoas adentrarem de joelhos os espaços considerados sagrados, demonstrando uma emoção muito forte no ato de pagar promessas, orando em voz alta, chorando e sorrindo? O paradoxo se justifica, pois este espaço é incensado pela estesia da dor, mas também pela da alegria.

Uma das coisas que mais me chamou a atenção neste espaço (*Casa dos Milagres*) foi a desmistificação de que esse lugar é prioritariamente da fé sertaneja e de suas “deturpações”, aqui falando com a linguagem da Igreja Católica Apostólica Romana, que assim se refere às manifestações da chamada “religiosidade popular”, já que muitos dos pedidos e das graças alcançadas estão diretamente ligados à cultura da urbe, mas não só dela, como, por exemplo, passar no vestibular, passar em um concurso público, receber bolsas de estudo, comprar uma casa etc. É muito interessante ver a relação íntima e peculiar com o santo, contida tanto nas práticas dentro desse espaço, mas também nas cartas votivas, como veremos mais à frente deste texto. Compreendi que esse lugar não faz diferenciação de cor, classe, idade, sexo, constituído em espaço pluralizado para o exercício da crença e da fé:

⁴² Segundo Bourdieu: “O capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento”. [1997, p. 150].

O exemplo mais interessante desta espécie de alquimia simbólica seria a transfiguração das relações de dominação e de exploração. A troca de dádivas pode se dar entre iguais, contribuindo para reforçar a ‘comunhão’, a solidariedade, através da comunicação que cria laços sociais. (BOURDIEU, 1997: 167).

Em uma das paredes da “casa dos milagres”, encontra-se, por exemplo, uma carta escrita de próprio punho por um famoso ator global que, recentemente, tentou se firmar em uma carreira de cantor e pedia ao “Padim” uma ajudinha. Repare que ele inicialmente está muito humilde, mas à medida que vai narrando o seu pedido ganham força o sonho e o desejo de ter a graça alcançada:

“Padre Cícero,

Gostaria muito que minha carreira de cantor e compositor se transformasse em vitória no tempo certo. E que as inspirações para novas letras e músicas se multipliquem, multiplique também os números de shows por todos os lugares do Brasil e fora dele também. Estou fazendo um novo CD, ajuda-me a colocar este CD no mais alto nível de sucesso nas rádios e que venda muitas cópias. Peço esta graça hoje 15/10/03 e espero voltar para deixar minha foto, em respeito do pedido atendido, com paz Padre Cícero.

Fulano de Tal”.

Se Padre Cícero atendeu à demanda do pretendente, ninguém pôde constatar para se afirmar o sucesso do pleito. Brincadeiras à parte, nessa carta, como em muitas outras, percebem-se a construção de uma relação de troca baseada no reconhecimento da dívida quando a graça é alcançada e, quando é o caso, a constituição de uma relação afetuosa e sentimental entre o santo e as gerações de romeiros:

Mas, para que as trocas entre gerações continuem apesar de tudo, é necessária também a intervenção da lógica da dívida como reconhecimento e a constituição de um sentimento de obrigação ou de gratidão. As relações entre as gerações são um dos lugares por

excelência da transfiguração do reconhecimento da dívida em reconhecimento, piedade filial, amor. (BOURDIEU, 1996: 179).

O museu guarda, assim, estórias que são fragmentos de vida e que são representações da dor e da alegria presentes neste jogo do “dar” e do “receber” da promessa. Não posso deixar de tocar aqui, no fato de que, entre essas peças sagradas, existem o cofre da igreja e a lembrança de um Padre Cícero fiel, leal e pertencente ao culto racionalizado da Igreja Católica Apostólica Romana, espalhada por cartazes colados por todo o local; ou seja, ao lado da troca simbólica, temos a troca econômica e política, interagindo direta ou indiretamente com o romeiro.

Outro objeto bastante curioso que vi foi um baú de cinzas deixado como ex-voto no museu vivo. O falecido, proprietário literalmente das cinzas, pediu como último desejo que sua cinza fosse espalhada pelo horto e o baú ficasse exposto como prova da sua devoção pelo *Padim*. Vi também tubos de sangue em alusão a uma cura de hemodiálise. Há também o caso de uma senhora que fez uma cirurgia nos olhos. Como parte da dádiva, prometeu ao Pe. Cícero trazer “olhos vivos”. Pensou em trazer porco, ovelha, mas, como esses animais eram muito grandes, por fim, trouxe uma galinha como ex-voto. Outro objeto muito impressionante para se pensar uma cultura de violência e de vingança é uma faca, deixada como voto por motivo de uma briga entre famílias. Estava escrito o seguinte dizer no cabo da faca:

Meu padrinho Cícero fazei com que eu esqueça esta faca do meu pensamento e do meu marido e da família dele, pois tu sabe que eu pegue (sic) para merecer própria vida e não fazer nada com ele. Tire pelo amor de Deus isso do meu pensamento.

Latas de cerveja e, principalmente, garrafas de cachaça são uma constante na entrega de ex-votos, mostrando o alcoolismo como um grande problema para uma grande massa de romeiros. Junto às garrafas ou latas, há, na maior parte das vezes, um bilhete fixado ao rótulo pedindo para deixar o vício ou agradecendo seu fim:

Irmão romeiro não use está água porque ela é maliguar (sic) quem usar esta água destrói tudo quanto tem em sua casa e pedir (sic) sua saúde.

Graça alcançada.

Alaide.

O outro fato expresso nesse processo entre o “dar” e o “receber” é o desenrolar de novas linhas e de novos mecanismos por meio da doação de peças de ex-voto. As batinas de Padre Cícero entregues pelos pagadores de promessas são doados para pessoas mais carentes de Juazeiro do Norte, que na sua maioria vivem da esmola. Conversando com uma senhora que veio pegar algumas peças de roupa, perguntei o que era feito. Ela me disse que é prática corriqueira abrir a mortalha, depois a corta em vários quadrados e, por fim, coloca um punhado de “Q-boa” em cada pedaço para dar uma cor diferente do preto e do marrom. Quando seca, lava-se a peça e depois costura para roupa, mas faz-se também lençol, colcha de cama, toalha de mesa, entre outras coisas.

Os vestidos de noiva, quando autorizados por quem entregou, são emprestados para o casamento de meninas mais carentes e depois devolvidos. O mesmo acontece com as muletas. Vez por outra vi algum morador pedir uma muleta por conta de algum acidente, geralmente, torção de tornozelo. Lembro também daquelas garrafas de cachaça e latas de cerveja de que falávamos agora há pouco, pois também lhes dão um fim, bebendo-as. Pode-se apreender desses pequenos exemplos é que a entrega de ex-votos não é um fim de um processo, mas sim uma dobra na linha. Uma nova relação vai começar entre o pagador de promessas e o santo, assim como o objeto ex-voto pode ser resignificado e tomar um novo rumo, como narrei há instantes.

E, desta forma, de tudo que se vê nesse lugar, resta claro que a fé é dinâmica e acompanha as angústias do homem moderno. Nesse sentido, muitos dos pedidos e agradecimentos vêm acompanhados de fotos e textos que narram a história particular da graça alcançada ou ainda por alcançar. Como exemplo disso, chama a atenção uma seqüência de fotos nas quais aparece um carro inteiramente destruído por uma colisão, acompanhadas do seguinte texto:

Venho em publico agradecer a alma santa do meu padim Cícero Romão Batista: por ter salvado nossas vidas, em um grande desastre de automóvel, no qual o carro capotou várias vezes, o qual todos nós quatro adultos e uma criança de dois anos de idade saímos todos com vida.

Obrigado. Obrigado muito.

Obrigado meu padim ciço

É interessante perceber que o romeiro em questão credita a sua existência e a dos outros que lhe faziam companhia na viagem à intervenção divina do “Padim”. A carta é afetuosamente direcionada a ele e, talvez, o uso da fotografia, como testemunha da realidade, do acontecido, do fato, é para mostrar aos mais descrentes a força e o poder daquele “santo canonizado” pela crença popular. Como diz Pierre Bourdieu, a economia dos bens simbólicos apóia-se na crença e na reprodução; quando um desses dois elementos entra em crise, há também um rompimento entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do processo.

Assim, é relevante a quantidade de agradecimentos realizados por meio das fotos votivas que são separadas por murais, de militares, crianças, velhos, casamentos, acidentes, doenças etc. Como já registrado, essas fotos, em sua maioria, são seguidas de textos que explicam o acontecido. Há também o caso de xérox, como, por exemplo, do cheque que estava em poder de agiota e que foi recuperado: “o resgate deste cheque do poder de um agiota por uma graça alcançada, obrigado meu padim”. Ainda o caso do estudante que agradece a concessão de bolsa de estudos, mostrando, entre outras provas, uma cópia da autorização da bolsa pela agência financiadora: “Prof. José Carlos Castro e Silva, agradece uma graça alcançada, no caso, uma bolsa de estudos nos EUA e Canadá pela USAID-SUDENE e AID”. Também a camisa de futebol do Flamengo entregue em um quadro e com o seguinte bilhete:

Clube de Regatas Flamengo – C.R.F

Agradece ao padrinho Padre Cícero as conquistas do bi-carioca
99/2000

E a Mercosul 99.

Marcos Rodrigues

Diretor

Tento aqui demonstrar, por meio desses fragmentos, como a fé do referido povo não tem fronteiras, não tem barreiras sociais. Pelo contrário, é a pura demonstração de uma sociedade barroca pautada no conflito entre a tristeza e a alegria. Desse modo, analiso a infinidade de ex-votos como signos de realizações do pagamento da promessa e, desta forma, percebo que não são somente símbolos de uma intermediação com o sagrado, mas também um meio de enxergar os problemas e a travessia histórica de constituição desta fé. Assim, reproduzo aqui outra carta deixada junto a uma garrafa de dois litros do tipo descartável e cheia até a tampa de água:

20/11/2004

Um sonho realizado:

Obrigado ao padre Cícero por mais uma graça alcançada.

A máquina chegou aqui dia 16 de agosto de 2004 numa segunda-feira, ficou alguns dias paradas, mas começou a trabalhar logo no dia 26 de agosto um dia de quinta-feira de 2:30 para 3:00 da tarde o poço deu água, muita água.

Ficamos todos contentes, alegres e felizes, nós realizamos um sonho de muitos anos.

Obrigado meu padrinho por essa graça alcançada.

Depois do dia 26 continuaram cavando enquanto estivesse em arenite quando passou da arenite para outro material pararam de cavar e fizeram o revestimento 03 de setembro, numa sexta-feira.

A vazão foi feita dias 05 e 06 de setembro de 2004 dias de domingo e segunda.

Já tinha sido cavado mais 4 poços profundo e 3 foram seco total. Um desses deu água só que era pouco só era 1000l de água por hora, e não dava para a manutenção.

Já foi cavado 14 cacimbas só uma d'água e foi padrinho Cícero que deu essa cacimba.

3.6 A subida do Horto

Por volta de nove da manhã saímos da praça defronte a Capela de Nossa Senhora das Dores em direção ao Horto. Seu Antônio, sua mulher e o neto Francisco, foram de ônibus pela viação Bom Jesus do Horto, única empresa que faz a subida até a estátua e de meia em meia hora. Segui a pé com Cícera, a filha de Antônio e Maria, e seu marido Carlos que estavam pagando promessa por conta de um emprego que esse último conseguiu. A subida da Serra do Catolé, rebatizada de Horto pelo Padre Cícero por conta da sua semelhança com a descrição na bíblia, acepção adotada pelo romeiro que vê em Juazeiro uma terra santa. É uma subida íngreme, feita em piso calçado por pedras irregulares e bem cansativa. Vi muitos romeiros definindo essa subida em tom jocoso dizendo, “- Tô achando que nois desconta pecado! Deus abençoei o nosso desconto!”. Durante a subida podem se contemplar os belos altares das casas do horto, já que é uma prática local cada casa ter seu próprio altar. Nestes altares podem ser visto uma intensa mistura de santos e de entidades que nos faz pensar na religiosidade local, por exemplo, em um só altar vi imagens do: Padre Cícero, Frei Damião, São Francisco, Zé Pilintra, tranca-rua, Maria Padilha, Exus variados, Oxum, Pomba Gíria, Preto Velho, São Jorge, Iemanjá, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Sagrado Coração de Jesus, Santo Antônio, imagem da beata Maria de Araújo, todos dividindo democraticamente o espaço, seguindo a tradição que vem do tempo da resistência imposta pela população local ao comando eclesiástico.

Durante a subida vamos passando pelas estações que representam o martírio de Cristo são catorze ao todo, cada uma representando um dos momentos finais da via crucis do Salvador. Os romeiros rezam aí, acendem velas, depositam santos quebrados, deixam flores, amarram terços quebrados aos santos e pedem proteção na subida. Conosco não foi diferente, Maria deixou um Frei Damião decapitado e me disse que este era muito cultivado em sua terra, inclusive, cantando uma pequena oração a Frei Damiao: “Ó que grande alegria/ O Padre Frei Damião/ Quando encontrou lá no céu o Padre Cícero Romão/ foi grande a emoção quando ele foi chegando/ meu padinho disse a ele/ eu já estava te esperando/nós vamos morar juntinhos no pé de Nosso Senhor/“. Para muitos romeiros Frei Damião era uma espécie de reencarnação do Padre Cícero ou, de outra forma, era a representação mais próxima que se teve após a morte do Padre Cícero, já que seguia os passos herdados por Padre Ibiapina e Padre Cícero evangelizando os sertões. Ainda na estação, acendeu uma vela de sete dias e rezamos junto um Pai Nosso e uma Ave Maria, depois prosseguimos nossa subida.

É incessante o número de pessoas subindo e descendo o horto em período de romaria, sobe só, em grupo, vestido de Padre Cícero, vestido de franciscano, vestido de noiva, carregando pedras na cabeça, alguns carregam cruzeiros, outros levam roupa e comida para dar a população, enfim, a subida é bem rica, principalmente, quando paramos para falar com os moradores que, na sua maior parte, é constituída de migrantes romeiros. São muitas as histórias e algumas muito curiosas. Uma coisa que me chamou a atenção nessas narrativas é o fato da maior parte ser permeadas por visões, sonhos, avisos de que teriam que ir a Juazeiro, como me relatou o Agricultor Sebastião, que afirmou o pai ter ido e voltado a Juazeiro atendendo um chamado do Padre Cícero

Meu pai vinha para Juazeiro. Aí veio e gostou. Aí quando voltou deu vontade de vir morar aqui. Aí os homi disseram: - Dudu vai não. Tu vai matar teus filhos de fome lá. Nem milho lá dá. Meu pai disse que ia porque o padim ciço tava chamando. Oia os mio era cada lapada que dava mais de palmo cada e feijão dá a granel, quando o inverno é bom.

A maioria do povo que mora aí no Horto é composta de agricultores que cultivam uma pequena fatia de terra de propriedade da Igreja em um sistema de arrendamento, no qual se dá uma parcela da produção em troca do uso da terra. É um povo que tira sua subsistência do plantio e do comércio da romaria, já que nessa época vendem artigos de religiosos a lanches, sem falar nas doações que recebem de romeiros. Alguns pedintes me confidenciaram que depois de uma romaria grande como de finados, passam mais de um mês se alimentando apenas com os alimentos que recebem dos romeiros: arroz, feijão, milho, farinha, entre outros. A maioria das casas aí é bem rústica e seus moradores bem humildes. A sujeira aí é intensa, com esgoto a céu aberto e porcos convivendo harmoniosamente entre velhos e crianças, deparar-se com essa realidade chocou Cícera, que apesar de seus pais serem devotos e irem todos os anos a Juazeiro há pelo menos três décadas, era sua primeira vez aí. Tinha migrado ainda adolescente com Carlos para São Paulo, buscando melhor condição de vida e estava ali por propaganda “familiar” e para agradecer a boa vida que estava tendo em São Paulo. No entanto, diante de tudo aquilo que estava presenciando na subida do Horto, desabafou:

Estava conversando com as crianças ali. E o nosso sonho (dela e, provavelmente, estava se referindo a mim também) é ter uma casa, um carro importado e o delas é ter um almoço, comer bem, ter um prato de comida. Isso é revoltante porque tanto político, tanto empresário forte, tanto turista vem aqui e tanta pobreza. É muita pobreza, a cidade é imunda, muita criança carente, passando fome, não tem sequer uma roupa para vestir. Aí você veste uma roupa e vai pagar promessa, como você vai se sentir pagando promessa desse jeito? Se você for olhar as crianças, você nem anda, você não consegue nem andar!

O desabafo de Cícera é procedente, realmente, parece que a intensa pobreza desse lugar faz parte do roteiro religioso, sendo parte do seu convincente cenário. Em todo o tempo que fiquei em campo não vi uma política pública ou ação por parte da Igreja (responsável legal pelo local) para mudar essa situação.

3.7 A estátua e o Museu

Os fogos de artifícios anunciavam o fim de nossa subida, estávamos a pouco mais de uma hora subindo o Horto e banhados de suor. Durante a subida vimos todo tipo de gente pagando essa parte da sua dádiva. Muitos pedintes que estão no caminho, a maior parte com algum tipo de doença grave, pedem ajuda aos romeiros, porém um em particular me chamou a atenção não somente pela sua doença, mas também por sua *performance* ao pedir esmola e ajuda ao “irmão romeiro”. Ele se encontrava sentado na última estação que fica próxima a penúltima curva antes de chegar à escadaria que dá acesso a estátua do Padre Cícero. Imagine a seguinte cena: um homem vestido de preto, de barbas longas, chapéu preto, com grande riqueza de adereços religiosos, sentado na última estação da subida do Horto, exatamente naquela que está à imagem de Cristo enterrado. Na sua frente, um tamborete e um prato de metal como ninho para as moedas; a camisa aberta para mostrar uma grande cicatriz no estômago; em uma mão a bengala, na outra ele empunhava uma gaita ao estilo Bob Dylan e cantava:

Com a permissão do Pe.Cícero Romão

Vou receber uma graça alcançada

Não tenho pensão, nem nada
Uma úlcera aguda na boca do estomago
Nunca mais tive sossego na minha vida
O doutor disse que iria operar por mil reais
Eu não tenho dinheiro, estou necessitado
A barrida estourada, fi di deus
Sofrendo direto, irmão
Já fui internado cento e quarenta entradas no hospício tamarineira
Quando falta remédio, fico solto no meio do mundo.
Tomei tanto remédio pra loucura,
Que atacou uma úlcera nervosa na boca do estomago
Pobre coitado, doente, necessitado
Só nasci nessa vida, só para sofrer
Quando canto meu sofrimento
Choro meu pranto
Sem o romeiro, e não sou de nada
Não posso parar o remédio
Se não enlouqueço do juízo
É uma doença por cima da outra, fi de nossa senhora
Sem o romeiro não sou de nada, fi di deus
Passei seis meses correndo para os hospitais
Morre, mas não morre
Mandou vender minha casa
Me dê uma esmolinha daquela que jesus te deu
Meu nome é pedro
E minha alma é muito penosa, penosa demais!
Já quis me matar, puxaram minha goela
Passei três semanas sem comer nada
Botei minha língua toda para fora
Eu impregnado de Aldol, remédio controlado
Remédio de impregnação, é aldol
Batendo em mim
Deram lapadas no meu peito
Quase que me matavam

Sem o romeiro não sou de nada, fi di Deus.

Carlos e Cícera ficaram impressionados com a cena, depositaram moedas no prato do pedinte e seguimos para a estátua do Padre Cícero. Ao chegarmos à escadaria nos encontramos com Antônio, Maria estava acendendo velas em um local próprio para isso nas mediações da estátua, foi quando todos juntos demos início aos rituais em torno da estátua do Padre Cícero. Para mim participar dos rituais já era uma forma de participar do próprio mito.

Nesse momento, estava me comportando como um romeiro que estava sendo iniciado por romeiros mais experientes e que, portanto, seguindo seus exemplos ia aprendendo a me comportar, a orar e a submeter o corpo aos devires da fé. Subimos à escadaria helicoidal de joelhos, ao chegar à base da estátua demos três voltas no cajado enquanto pedíamos alguma graça, depois escrevemos nossos nomes na estátua, neste momento, observei pessoas esfregando as costas na estátua e pedindo cura para dores na lombar, outros pregando cartazes de campanha política e pedindo vitória na empreitada, outros levantavam crianças de colo em direção à cabeça da Estátua para que ela abençoasse, outras pessoas pousavam suas mãos na estátua choravam e oravam ao mesmo tempo e, tinha ainda, àqueles que amarravam fitinhas no pára-raios da estátua também como pedido ou agradecimento de graça. O que estava acontecendo aí era um programa de sinais que faz parte da “etiqueta do pedido”.

O tempo todo que estávamos aí era interminável o pipocar dos rojões que anunciavam a chegada de ônibus e de paus-de-arara. Seguimos para uma rápida visita ao Museu Vivo do Padre Cícero. Entramos por uma entrada onde um Padre Cícero de cera, nas suas tradicionais vestes negras, encontrava-se ajoelhado diante de um pequeno altar, ao seu lado cartas, um par de muletas, uma perna de gesso, fotos, vasos de flores, uma tosca cabeça de imburana e outros objetos deixados naquela manhã em sinal de devoção e agradecimento. Percebo aí a construção de uma relação íntima que passa tanto por uma ordenação na conduta moral, como também um possível conselheiro para o filho “desviado”.

O museu é dividido em várias salas onde podem ser vistos vários personagens importantes da história de Juazeiro. Entre uma sala e outra se vê uma organizada exposição de ex-votos. Armários contendo vestidos de noiva, outros com fardas de diferentes corporações militares, vitrines com todas as partes do corpo humano, murais de fotos, vitrines com miniaturas de casas e de carros, muletas penduradas nas paredes, por conta do intenso movimento de gente circulamos fugazmente pelo ambiente, conquanto, não posso deixar de dizer que Antônio e sua família ficaram impressionados com a quantidade de supostos “milagres” produzidos por aquele local.

3.8 O Santo Sepulcro

Enquanto Maria, Cícera e o pequeno Francisco se dirigiram ao “rancho do seu Luis Alves”, segui com Antônio e Carlos para o “Santo Sepulcro”. Este local se situa por trás da Igreja do Senhor Bom Jesus do Horto que está sendo construída pela Ordem Salesiana. É por uma vereda bem estreita que se vai ao chamado “Santo Sepulcro”. Este lugar foi “inventado” pelo romeiro. No tempo do Padre Cícero era um local de retiro de beatos por conta de ser desabitado e no meio da mata. Iam aí procurando paz e inspiração. Atualmente, não existe romeiro que vá a Juazeiro que não passe por esse local. É daí que tiram plantas para remédios caseiros, levam pedras e cumprem uma série de outros rituais. Como atravessar as pedras rachadas para purificar o corpo, passar o dedo no número 1907 para aprender a escrever mais rápido e depositar pedras que foram levadas ao longo de todo a travessia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade do mundo moderno e as suas novas linguagens, os enormes desafios de se colocar no mundo, as exigências do trabalho, as tentativas de controle da natureza, a diminuição do tempo e do espaço, as multiplicidades de escolhas, o surgimento de diversas classes de especialistas (GIDDENS, 1990), os gozos fabricados/artificiais que fazem parte dos produtos da nova economia psíquica (MELMAN, 2008), são situações que têm levado o indivíduo a uma condição de exacerbação do individualismo e à procura por novas zonas de conforto para o psiquismo. Tudo isso ocorre em detrimento das relações humanas, sejam de família, de amizade, no ensino, enfim, das rodas de pensamento e de problematizações necessárias à formação do indivíduo.

Historicamente, a religião sempre foi bem-sucedida em dar soluções às angústias do homem, explicar o lugar do indivíduo no mundo e o papel que ele tem que desempenhar. Freud (2010), inclusive, afirma que a força da religião reside no fato de que ela responde às perguntas que ninguém mais responde.

Max Weber, por sua vez, defendia a ideia de que a racionalização e o desenvolvimento das forças intelectuais do homem levariam, inevitavelmente, a um processo de burocratização e desencantamento do mundo. Via com um pessimismo latente o fim desse processo, o qual conduziria à formação de homens “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração; nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado” (WEBER, 2008, p. 126). Contrariando essas premissas, o que se percebe na atualidade é um (re)encantamento do mundo, no qual uma das perguntas mais necessárias à existência humana na modernidade é “como devo viver?”, na busca de fortalecer a identidade e na procura de si mesmo, em cada indivíduo.

Para Durkheim (1989, p. 26), a mesma sociedade que determina e favorece o desenvolvimento do individualismo e do racionalismo necessita de crenças comuns: “Os interesses religiosos não passam da forma simbólica de interesses sociais e morais”. Para este autor, a natureza das religiões é essencialmente social e sua essência estaria na divisão do mundo em fenômenos sagrados e profanos. A religião se estrutura a partir de uma ordenação do sagrado e, portanto, em ritos e práticas derivados das crenças relativas ao sagrado. Ainda, segundo o mesmo autor, a sobrevivência de uma religião depende diretamente da participação de seus adeptos nas práticas e símbolos de suas crenças por meio dos rituais.

O mitólogo americano Joseph Campbell (1990, p. 41) vai na mesma direção de Durkheim quando diz “Quando o mundo se altera, a religião tem que se transformar”. De acordo com este autor, a quantidade de informações que as religiões acumulam tem a ver com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se o indivíduo não souber compreender os sinais do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Nesse sentido, a religião cria um caminho permeado por símbolos e estrutura a realidade do indivíduo. Evans-Pritchard (2005), por sua vez, anota que as crenças compreendem um sistema de valores que regula a conduta humana. Ainda que esteja se referindo à bruxaria entre os Azande, contexto que não cabe aqui, percebo suas colocações sobre as crenças como uma lógica própria, com suas próprias regras de pensamento e com uma apreciação racional da natureza que cabem no objeto estudado.

Já para o antropólogo americano Clifford Geertz (1989), a religião não é somente metafísica. A devoção que exige o compromisso emocional, a orientação da conduta humana, leva o indivíduo à formação de elementos valorativos e morais que compõem o *ethos*; assim como a busca pelo conhecimento e pelos valores existenciais formam a *visão de mundo*. A religião seria, portanto, uma ciência prática que entrelaça o *ethos* e a *visão de mundo*. Para a criação de um *ethos* e uma *visão de mundo* dos ditos pagadores de promessas, faz-se necessário compreender seus valores de origem e o conhecimento adquirido na sua realidade específica. Dentro dessa visão, Geertz diz que os símbolos sagrados afirmam que o homem deve procurar viver de forma realista. A religião cria, portanto, uma economia emocional que auxilia o indivíduo na prática objetiva do mundo.

Conforme os estudos de Bourdieu (1998), um caminho para compreender o campo religioso passa necessariamente pelo exame das correlações do sistema de forças materiais e simbólicas constituídas em um determinado momento histórico. Se pensarmos a dura realidade dos romeiros, a ausência de vários aparelhos do Estado e as questões ligadas à espiritualidade dos indivíduos criados na dura realidade do sertão, compreende-se porque essa religiosidade ligada ao fenômeno social do padre Cícero foi responsável por uma ordenação social eficiente. Como diz o mesmo autor, a manutenção da ordem simbólica conserva a ordem política. Dessa forma, imprimir pela educação o respeito ao sistema mítico-ritual perpetua as relações fundamentais da ordem social.

Ainda segundo o referido autor, a primeira tradição religiosa, advinda dos estudos de Durkheim acerca das “formas elementares da vida religiosa”, via a religião como um veículo simbólico estruturado e estruturante ao mesmo tempo. Para que uma religião venha a

acontecer, é necessário um processo de sistematização e de moralização das práticas e das representações religiosas.

Percebe-se aí a inculcação de um *habitus* religioso, que modifica em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão de mundo dos leigos, colocando-os para agir e pensar conforme os princípios que constituem o sistema simbólico estruturado e estruturante dessa expressão da religiosidade católica sertaneja.

Um pouco na contramão de todos esses autores vem o antropólogo inglês Ioan Lewis (1971), que diz que entre a crença, o rito e a experiência espiritual, a mais importante é a última. Afirma, ainda, que esse parco interesse pelos estados emocionais nas pesquisas de sociologia da religião, excetuando áreas de interesse específico - como a bruxaria e os ritos de iniciação - o assunto permanece como deixaram Weber e Durkheim. Condena, ainda, um velho debate acerca da “religião primitiva” atuar como ciência dos pobres ou ser meramente um recurso para sacralizar a sociedade. Para o autor, a experiência mística é tão importante quanto o ambiente social em que é experimentada.

Um devir-outro do pesquisador. Talvez seja esse o maior aprendizado de uma pesquisa. Quando a experiência se materializa; a escrita, os blocos de vida vão ganhando sentido e você percebe *o que se passou*. Os tempos do campo, da aula e da escrita não se articulam de uma maneira harmônica. Eles são antes turbulências visuais e sonoras na memória intensiva e afetiva de quem os vivenciou.

Chego ao fim desse texto com a sensação de que fiz minha própria romaria. As palavras digitadas e impressas nesse papel não é somente a materialização da minha experiência com os pagadores de promessas de Juazeiro, mas me parecer ser a minha própria travessia em busca de algo outro, diferente de mim e que não passou despercebido.

Aprendi a pensar a alteridade de uma forma densa. A tornar familiar o que era estranho e o que me era familiar em estranho. Esse movimento dialético, essa rua de mão dupla, que capturou a minha existência de uma maneira outra, diferente e múltipla. Acredito que seja por aí, a experiência da pesquisa me deu a oportunidade de pensar tudo isto em uma potência vibrante e intensa.

Deixo aqui, portanto, narrativas de vida, momentos de aflição e de alegria. Narro as travessias de um povo romeiro que inventaram e se deixaram inventar por um santo, pelo lugar e pela fé de um mundo outro.

A fé aí é como a terceira margem do rio⁴³. Não pertence às águas que correm em margens fixas, torna-se múltipla; são muitos os espaços a percorrer por margens que se

⁴³ Rosa, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

deslocam intensamente. É uma religiosidade aberta, estando sempre em construção, necessitando sempre de novos enunciados. É um espaço não estriado pela igreja, embora, às vezes o seja, mas apenas para ser alisado pelo ser e fazer romeiro dos Cíceros e estriados novamente à maneira romeira. É o que chamo de eterno retorno das romarias, obviamente, o que retorna não é o mesmo, mas sim um retorno que se constitui de intensidades diferentes.

Pode-se perceber que a fé constituída aí não é localizável, ou melhor, não se encontra em uma margem segura do rio e, por isso mesmo, o comportamento do romeiro é diferenciado e imprevisível. Essa fé viaja de um lado ao outro nessa margem não fixa, em um espaço não esquadrihado. Pelo contrário, foge da institucionalização, de tudo aquilo que lhe possa prender em um esquema. Não pode se tornar síntese porque não é estático; são muitos os poros, e a margem, definitivamente, não é fixa. Lembro ainda uma passagem do livro “*Massa e Poder*” acerca do simbólico do rio:

Ele simboliza as procissões; as pessoas que assistem a elas da calçada são como árvores as margens do rio; o fixo acolhe o fluido... Os rios simbolizam particularmente o tempo que a massa leva para se formar; o tempo dentro do qual ela ainda não se tornou o que virá a ser. (CANETTI, 1995: 82/83).

Enfim, nesse espaço consagrado da religiosidade cearense, santos canonizados disputam espaço com a espontaneidade do povo, que canoniza aqueles que fazem sentido e/ou deram significado a sua fé e a sua esperança. Assim, deixo aqui um texto que pode ser lido como um ex-voto, já que é o fim desta travessia. Depois de tanto dar e receber dos pagadores de promessas, deixo aqui como retribuição suas histórias.

4. BIBLIOGRAFIA

Anais do I Simpósio internacional sobre o Padre Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora da UFC, 1988.

Anais do Seminário 150 anos de Padre Cícero, Fortaleza, RCV, 1994.

ASCHER, Nelson. **Pomos da discórdia:** política, religião, literatura etc. São Paulo: Ed.34, 1996.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. **Pe. Cícero e a religião. In Anais do Seminário 150 anos de Padre Cícero,** Fortaleza, RCV, 1994.

BARROSO, Gustavo. **À margem da história do Ceará.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BASSIT, José. **Imagens fiéis.** Textos: José de Souza Martins e Rodrigo Lacerda. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

BAUMANN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENJAMIN, Walter. *O narrador* In: **Obras escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 1986, volume 1.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

_____. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **As regras da arte.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega Vol. III.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CADERNO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI.

Tendências: V.2, n.1. – Crato, CE: Editora da URCA, 2004.

CAJADO, Syomara. **Meu Padim Ciço: o santo de Juazeiro.** São Paulo: Nova Época Editorial, 1980.

CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis.** São Paulo: Editora Folha de São Paulo, 2003.

_____. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** São Paulo: Palas Atenas, 1990.

CANETTI, Elias. **Massa e poder.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARDOSO, Ruth. (org.). **A aventura antropológica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **O Mahabharata.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz: cultura e memória.** São Paulo: Annablume, 1998.

CAVALCANTE, Peregrina Fátima Capelo. **Matadores de gente**: como se faz um pistoleiro. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____, **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Conta de mentiroso**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **Relativizando**: ensaios de antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **A lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo, Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4, São Paulo: Editora 34, 1997 a.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997 b.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Joazeiro, CE: 1935.

DUPRONT, Alphonse. *Formes de la culture des masses: de la doléance politique au pèlerinage panique (XVIIIe, -XXe. Siècle)*, In: BERGERON, L. (org.): *Niveaux de Culture et Groupes Sociaux. Paris-La Haye*: Mouton, 1971, pp. 149-170; *Pèlerinage*, In **POUPARD, P.** (dir.): **Dictionnaire des Religions**. Paris: PUF, 1984, pp. 1300-1307; *Pèlerinages et Lieux Sacrés*, In: **Encyclopadia Universalis**, Paris, 1985, v. 14. Pp 166-180; *Du Sacré (Croisades et pèlerinages; images et languages)*. Paris: Galimard, 1987.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

EXECUÇÃO DO TESTAMENTO DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA & INVENTÁRIO DO DR. FLORO BARTOLOMEU DA COSTA. **Documentos em fac-simile**: apresentação do Des. José Maria de Melo: Histórico do documento do Dês. José Ari Cisne; Análise crítica do Prof. Eduardo Diatahy B. de Menezes – Fortaleza: Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, 1997.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: a formação do patronato político brasileiro, 2 vol.s. São Paulo: Globo, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro**: a beata do milagre. São Paulo: Anna Blume, 1999.

GAZOLLA, Raquel. **Para não ler ingenuamente uma tragédia grega**: ensaios sobre aspectos do trágico. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GARDNER, George. **Viagens no Brasil principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O Saber local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Observando o Islã**: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GOLDMAN, Marcio. **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* In: **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico* In: **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas implicações* In: **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUIMARÃES, Therezinha G. & DUMOULIN, Anne. **Padre Cícero por ele mesmo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

GUIMARÃES, César. **Imagens da memória**: entre o legível e o visível. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o problema do ser**. São Paulo: Duas cidades, 1969.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HOORNAERT, Eduardo. **Crônica das casas de caridade fundadas pelo Padre Ibiabina**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**, vol. 1. Tradução, Prefácio e Comentários de Luís da Câmara Cascudo. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JODELET, Denise. **Les Représentations Sociales**. Paris: PUF, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LALLEMENTE, Michel. **História da idéias sociológicas: das origens a Max Weber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro, Editora. 34, 1994.

LEACH, Edmund. In: Roberto da Matta (org.). **Edmund Leach: antropologia**. São Paulo: Ática, 1983.

LEGROS, Patrick (org.). **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LINS, Daniel (org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

_____. **Nietzsche e Deleuze, pensamento nômade**: Simpósio Internacional de Filosofia 2000. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2001.

_____. **Arte, resistência, Nietzsche e Deleuze:** Simpósio Internacional de Filosofia 2004. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra:** tragédia nietzschiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Foucault:** a ciência e o saber. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Nietzsche e a verdade.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **O nascimento do trágico:** de Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens:** uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, José de Souza. *A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil*
In: **Estudos avançados.** São Paulo, USP, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo, EPU, 1974.

MEDEIROS, Daniel H. **Padre Cícero:** o santo do povo? São Paulo: Editora do Brasil, 1989.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **A cultura brasileira “descobre” o Brasil, ou “Que país é este?!” - uma pergunta à cata de resposta. (Ensaio).** Fortaleza, Nov. 1991/ Set. 2004.

_____. **As Romarias e o Juazeiro do Pe. Cícero. In Anais do Seminário 150 anos de Padre Cícero,** Fortaleza, RCV, 1994.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1982.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Nietzsche: os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **O nascimento da tragédia: helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **O Anticristo: maldição ao cristianismo e ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Para além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

PROJETO HISTÓRIA. **Revista do programa de Estudos de Pós-graduados em História e do departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 1981.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **Sujeito e laço social: a produção de subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura de Desporto do Estado, 2006.

PEIRANO, Mariza G. S. **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília, DF: Editora da UNB, 1992.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Sangue da Terra**: tramas do sagrado no espaço de Juazeiro, In Cadernos do CEOM. Chapecó, SC: Argos, 2001.

_____. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.

_____. **O corpo na história**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ROSSET, Clément. **Alegria**: a força maior. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**. Itajaí, SC: Editora Univali, 2002.

SILVA, Aguinaldo & COMPARATO, Doc. **Padre Cícero**: o grande sucesso da TV. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SILVA, Antenor de Andrade. **Padre Cícero**: sacerdote, médico e conselheiro. Salvador: Salesianas da Bahia, 1992.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SOUZA, Jessé. (Org.). **A Atualidade de Max Weber**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

SPERA, Enzo. *A 'presença' dos personagens nos ex-votos fotográficos do sul da Itália* In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 1998.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia: e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

THEMUDO, Tiago Seixas. **Gabriel Tarde: sociologia e subjetividade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

_____. **A lógica do social em Deleuze**. Tese de conclusão do curso de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2004.

VAN GENEPP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1977.

VIEIRA, Sulamita. **O sertão em movimento: a dinâmica da produção cultural**. São Paulo, Annablume, 2000.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo, EDUC, 2000.

_____. **Introdução à poesia oral**. São Paulo, HUCITEC, 1997.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, Max. In: Gabriel Cohn (org.). **Weber:** sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. **Conceitos básicos de sociologia.** São Paulo: Editora Moraes, 1989.

_____. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ANEXOS



Ilustração 1 - Estação subida do Horto



Ilustração 2 - Altar de Pau de arara



Ilustração 3 - romaria das carroças



Ilustração 4 - “noiva” romaria das carroças



Ilustração 5 - Procissão dos paus de arara



Ilustração 6 - rapadura



Ilustração 7 - Santo Sepulcro



